

ERA NOVA

PARAHYBA
DO NORTE

HA dias em que os meus olhos derramam illusão sobre todas as coisas. Põem sobre tudo que vejo uma claridade de inocência. E abrem-se para a alegria como duas janellas que, ha muito tempo fechadas, se escancarassem para uma paisagem primaveril. A terra toda, num milagre de renovação, se veste de flôres para que eu a veja. Ha rosas à margem de todos os caminhos. E eu sinto-me viver, palpitar em tudo que me rodeia. As coisas mais humildes têm para a minha emoção um sentido divino. As palavras que eu digo deixam na minha bocca um sabor intenso de felicidade. E a minha alma se debruça sobre a vida com a mesma curiosidade com que uma creança se curva sobre um livro de estampas coloridas. Fico então sabendo muitas coisas que não sabia. Ah, o encanto das coisas ignoradas! Ah,

ANNO
V

NUM.

91

os bellos dias em que a vida amanhece nos meus olhos e em que eu sinto resurgir em mim a infancia feliz que eu quizera ter sido! E eu cresço em pensamento, sentindo renovar-se no meu sangue, nos meus nervos, nos meus musculos a saúde gloriosa, a mocidade intrepida de uma adolescencia que eu não tive. Nesses dias é que eu vejo que falta ao sorriso e ao corpo de todas as mulheres a caricia do meu beijo e a ternura do meu amor. E, na illusão do passado, eu vivo para a felicidade do presente, esquecido de que a alegria de hoje é a saudade de amanhã....

P A U L O D A N I Z I O

Enlace Severino de Lucena — Hilda Coutinho

Com a gentil senhora Hilda Coutinho, filha do sr. dr. Antonio Coutinho, fazendeiro e industrial no município de Bananeiras, consorciou-se, no dia 24 de novembro, o nosso prezadíssimo director Severino de Lucena, official de gabinete da Presidencia do Estado e um dos caracteres mais puros da nova geração parahybana.

O enlace occorreu naquella cidade do interior, que, por esse motivo, apresentava um festivo aspecto, e, embora realizado na intimidade das prestigiosas familias dos noivos, teve, ainda assim, a assistencia de numerosas pessoas representativas desta capital, que se transportaram a Bananeiras, com o intuito de estar presentes ás ceremonias matrimoniaes.

Celebraram n'as: a civil, o sr. dr. José de Mello, juiz de direito da comarca; e a catholica, o padre Abdias Leal, chefe da edilidade bananeirense.

Serviram de paranymplos, no religioso, por parte da noiva, o sr. dr. Sá e Benevides e d. Clementina Benevides, e no civil o sr. Waldemar Leite e d. Virginia Leite de Lucena; por parte do noivo, no religioso, o sr. Pedro Gaudiano de Albuquerque, no civil, sr. Paulo de Lucena e mille. Clonice de Lucena.

A familia Neves Coutinho cumoulou de fidalguias e gentilezas a todos os convidados, sendo Severino de Lucena saudado, no jantar, pelos srs. drs. João Mauricio de Medeiros, Lauro Montenegro e Pedro Anísio Maia.

A's palavras desses seus amigos, respondeu em comovimento e feliz improviso o joven e illustre auxiliar da actual administração.

A' noite, houve animadas danças, que se prolongaram até a madrugada.

Severino de Lucena e sua exma. esposa chegaram a esta capital no dia seguinte, sendo recebidos na

P A
R A
H Y
B A

E
L E
G A N
T E



MILLES. MARIA ANTONIETTA E
LUCYMAR LEAL, DA SO-
CIEDADE PARA-

HYBANA EM
MANAOS

por avultado numero de pessoas representativas, auxiliares do governo e confrades da imprensa, que acompanharam em automoveis o joven casal até a sua residencia á avenida João Machado.

O casamento foi assistido pelas senhoritas Nina Maia, Mocinha Benevides, Olga Dantas, Maria Nicolão, Joanninha Dantas, Emilia Neves, Sinhá Bezerra, Beatriz Barbosa, Luiza Nicolão, Annita Coutinho, Regina Nicolão, Geny e Regina Coutinho; srs. Anísio Maia e senhora, Ascendino Neves, Joaquim José das Neves e senhora, Francisco Baptista, dr. João Mauricio de Medeiros, dr. Nelson Lustosa por si e pelo seu pae sr. Francisco Lustosa, dr. Lauro Montenegro, dr. Odon Bezerra, dr. Adhemar Vidal, por si e pelo dr. Avila Lins, dr. José de Mello, dr. Anthonor Navarro, José Bezerra, João Rodrigues Neves e senhora, prof.

de Mello Castro, dr. Braz Baracahy, Claudino Moura, dr. Pedro Anísio Maia e senhora, Pedro Leão, José Guimarães, Edgar Dantas, Waldemar Dantas, Abdias de Oliveira, Cláudio Mala, Paulo de Lucena, Amaro Nunes, Manuel Dantas e senhora, dr. Mario Coutinho e senhora, dr. Joaquim Medeiros e senhora, dr. Sá e Benevides e esposa, Basílio de Mello e senhora, Bráulio Dantas, dr. Antonio Coutinho, padre Gentil de Barros, Hermes Maia e senhora, Benjamin Maia, dr. Antonio Coutinho Filho, Anísio Cunha Rêgo, padre Gabriel Toscano da Rocha, Alfredo Pessoa Guimarães e padre Abdias Leal.

Aos desposados foram enviadas copiosas congratulações telegraphicas pelo

Ao querido director da Era Nova, os que trabalham, sob sua inspiração, nesta revista, enviam os melhores e mais ardentes votos de felicidade, extensivos á sua exma. consorte.

PROF. CORIOLANO DE MEDEIROS

Occorreu, no dia 30 de novembro p. p., o anniversario natalicio do illustado professor Coriolano de Medeiros, director da Escola de Aprendizizes Artifices, membro de destaque no Instituto Historico e Geographico Parahybano e historiographo de renome.

Ao sr. professor Coriolano foram tributadas imponentes festas naquelle estabelecimento educativo, inclusive a apposição de seu retrato, a cuja frente se acharam todos os professores e alumnos da referida Escola.

Tambem foi muito comprimetado pela sociedade de confrancia, que tem no professor Coriolano um homem de valor e sinceridade. A taes manifestações de apreço tão justas, a Era Nova se

professor Coriolano de Medeiros é um dos nossos mais assíduos e brilhantes colaboradores.

Fazem annos na primeira quinzena de janeiro:

DIA 1 — O sr. Eugenio de Lucena Neiva, delegado fiscal neste Estado; o sr. dr. João Lopes Machado, ex presidente de nosso Estado, e medico no Rio de Janeiro; o major Jonas Neves Parahybano, residente em Cabello.

DIA 2 — A srta. Emygdia de Azevedo Soares.

DIA 5 — O sr. Minervino de Freitas Feltosa, funcionario federal; o sr. Geraldo von Söhsten, alto commerciante de nossa praça.

DIA 6 — O sr. Gustavo Mölman, da firma Kröncke & Cia, desta capital; Ismália, filha do sr. Acrísio Borges.

DIA 8 — Srta. Carmelina Neves.

DIA 12 — A srta. Laura Lyra, filha do senador João de Lyra Tavares; a srta. Sebastiana Furtado.

DIA 15 — O sr. dr. Silvino Nobrega, medico residente nesta capital; a srta. Joanna de Magalhães.

NOIVADOS:

Acabam de prometter-se em casamento a senhora Avany Gomes da Fonseca, filha da exma. viúva Arthemisa Gomes da Fonseca, e o distincto joven Severino Limeira do Amaral, escrivão da delegacia do 2.º districto desta cidade.

Aos jovens promettidos que gosam de muita sympathia em os nossos circulos sociaes, apresentamos as nossas felicitações.

ENLACES:

Communicaram-nos o seu casamento occorrido na cidade de Bananeiras a 17 do expirante o sr. Antonio Ferreira Borges e a senhora Adalgiza Borges Castro. Parabens ao joven casal envia a Era Nova.

NASCIMENTOS:

Helio é o nome do recém-nascido, filhinho do sr. Claudio Porto e de sua exma. esposa d. Julieta Porto, occorrido a 15 do corrente. Gratos pela communicação desejamos muitas felicidades



Especial para ERA NOVA

O periodismo é um ofício, mas também é uma arte. Poderia citar milísimos exemplos a este respeito, porém tenho a certeza de que isto seria sumamente doloroso para algumas pessoas que amo sinceramente, e também para mim que, por desgraça, vivo do periodismo. Raramente uma personalidade de summo prestígio literário se salva de um fracasso espiritual nas tarefas jornalísticas.

Os tons mais livres, os pensamentos mais puros, as idéias mais queridas convertem-se em «citradas» das etíglas matutinas ou vespertinas. Eu sei de muitos companheiros, no periodismo de Buenos Aires, que já não são a mais leve sombra de um passado que não vai longe. E é por isso que, quando visito os lares da nossa juventude, onde, eu e eles, ensaiámos os primeiros passos no penoso caminho das letras, sinto-me em falta daqueles que já ninguém recorda, e cujo nome já ninguém encontra ao pé dos artigos.

Há, porém, um consolo: alguns se salvam.

Dentre estes felizes mortais é de justiça citar-se Don José Manuel Eizaguirre, como autor de um interessante livro evocador de um passado espiritual com o qual assimila o mesmo presente americano.

«El pasado en el presente» é uma obra que merece figurar nos mais exigentes catalogos de obras básicas para a nossa formação espiritual. Nella se trata do desenvolvimento do homem christão na America, seguindo-se logo o commentario sobre a formação das individualidades até dar com o presente da historia argentina.

A obra consta de três divisões fundamentais com esta distribuição: «La sucesión social en la historia argentina», que parte desde a conquista até a independência e a constituição argentina. O segundo capitulo, que se intitula «O Centenario de Julio», evoca, desde os commentarios sobre o congresso reunido em Tucuman, até a segurança do voto, de conformidade com a ideologia politica de Roque Sanz-Peña. O terceiro capitulo, ou melhor o terceiro commentario, são cotejos sobre este thema: «El sol na insignia Presidencial», que é um modelo de verdadeiro tratadista sobre tal thema que tanto apaixonou e continúa a apaixonar o historiador americano.

Como disse anteriormente, mais que capitulos de historia, mais que uma obra basicamente historica, é a obra de Eizaguirre um glossario espiritual de uma raça e de um povo.

Hoje em dia, época esta falta e palavrosa em que o homem de educação e de erudição é quasi

desprezado, claro está que o livro «El pasado en el presente» tem que permanecer em um apathico silencio, votado pelos que se dizem «os homens do ambiente...»

Apesar disso tudo, porém, de quando em quando, as obras boas surgem de entre as obras más, e é o seu apparecimento é um como renascer, cercado de sinceridades.

Sobre este livro, em particular, pôde-se afirmar que é necessaria a sua traducção para o idioma portuguez pelos idéas cheios de sinceridade que animam as suas paginas.

Demasiado sabemos quanto se ha escripto sobre a nossa historia, e o predomínio do máo sobre o bom é patente, motivo por que não duvido que uma pessôa de fino espirito chame a si a empresa de dar a conhecer aos historiadores brasileiros a obra de José Manuel Eizaguirre, com a confiança de que ella unificará o espiritalismo de que todos estamos animados.

Em algumas publicações do paiz já se commenta a personalidade deste homem, que vive completamente alastado de tudo o que seja cenáculos e conjuncções literarias.

Como chefe de redacção de «La Prensa», o grande diario buenosairense, a sua alma, alternando com o passado e com o presente, não só evoca a formação de um povo como também coopera, dia a dia, para a evolução traçada em a sua consciencia para.

..

Comprehendemos por historia moderna tudo o que, não se desviando da condição do seu nascimento, não detesta a sua origem nem maldiz a flôr que lhe deu o aroma com o desejo de ser agradável na vida...

A historia moderna já se não sujeita aos velhos canones, pesados, theoricos, duros — couraças insensíveis á dor e á graça — para refrescar-nos o coração com a divina recordação das coisas nobres...

E' isto, pois, a obra «El pasado en el presente», de José Manuel Eizaguirre, uma flôr da nossa vida colonial, uma carta das nossas avós, um suspiro das nossas patricias cheias de juventude, e uma carinhosa lembrança do grande povo que hoje somos...

Ademais, bem vale na consciencia dos homens o merito que lhe damos...

Pois, a despeito do silencio que se trata de pôr sobre este livro, não tardará o tempo, nem a hora de inclinarmos ante a sua verdade, como se lóra elle um regato de crystalinas aguas para o nosso corpo, sedento de emoções nobres.

Buenos

Ayres

..

Julho

..

1925

Para os leitores e assignantes de "Era Nova"

A ESQUADRA DE PAPEL

Fui Commandante da minha frota,
Toda ella feita de papel,
S' gulam juntos, a mesma róta
Bolet a' tra d'outr' batel.

Tive Conselhos, Almirantados,
Eram menin's da redondeza —
Todos garbados, comp'netrados
Da alta mias' o da nossa empresa.

Nos dias frios, quando e'uvia
Tocava o buzlo. Era o sign'd.
Sabia a fei ta t' d's, sabia
Dos Estaleiros do meu quintal

Havia lucta no Mar do Norte,
Novio chefe, deixa largar! —
E o Almirante dizia a sorte
Da n'otra esquadra: «va: naufragar!»

— Não ten'ia medo, meu Commandante!
Dizia á proa, içando a vela,
Um bom marujo. — Já via aist' d'e
Nossa possante caravela!

Que mar revoltó! A tempestade
Já n' s' queb'ou dois mastro'es.
— Nossa Senhora, tende piedade!
— Mi-ericórdia! Rogava a's ceus.

Passaram dias, passaram annos,
H'je me lembro Recodações
Os quet'os tempos. Em desen'auos
Deniez-se a frota. Desilusões...

Amaryllio de Albuquerque

Sómente agora, quasi dois mezes depois da sahida do seu ultimo numero, pôde Era Nova reaparecer aos seus leitores. Não foram pequenos os nossos esforços — deixem-nos dizer — no sentido de evitar essa demora com a qual soffreu a nossa revista um estacionamento que, antes de tudo, actuou desfavoravel e directamente sobre os interesses desta empresa.

Não dependia de nós, sómente, a immediata solução que deveramos dar ás difficuldades com que luctamos durante esse pequeno espaço de tempo para correspondermos á carinhosa e constante attenção que o publico deste e de outros Estados tem sempre dispensado á nossa revista. O nosso desejo, contudo, não foi o necessario para tanto.

Concorreu para isso, exclusivamente, a falta de papel apropriado, em o nosso mercado e no stock da Imprensa Official, em cujas officinas Era Nova se confecciona, mediante modico contracto com o governo estadual, de quem, desde a sua fundação, tem recebido um constante, decisivo e carinhoso apoio.

Pretendendo a empresa desta revista, de agora por diante importar da Europa, directamente, o papel de que necessita, é de crer que não mais nos vejamos forçados a dar, como agora fazemos, explicação egual a essa aos nossos queridos leitores e assignantes, a quem apresentamos mil desculpas da falta em que acabamos de incorrer, pelos motivos citados, os quaes, pela sua natureza, se justificam plenamente.

Desde muito que a direcção de Era Nova pretendia diminuir o

seu formato, não só para imprimir-lhe um aspecto mais elegante e mais moderno, como também para facilitar a sua confecção que, por motivos de ordem technica, se nos antolhava impropria a certos melhoramentos que lhe queriamos imprimir. Sómente agora nos é dado satisfazer esse antigo desejo que, se antes não se effectuára, foi porque iria isso prejudicar ás collecções annuaes que de Era Nova fazem os nossos leitores e assignantes.

Com a diminuição do seu tamanho, nada soffrerá esta revista que, ao contrario, augmentará o seu numero de paginas, além de manter as mesmas secções e ainda outras que pretendemos crear.

Assim, do seu proximo numero em diante, Era Nova apparecerá com o seu formato inteiramente modificado por uma diminuição que, antes de prejudicar-a, vem, pelo contrario, concorrer para que se torne mais elegante o seu aspecto exterior e, sobretudo, para que seja feita uma distribuição mais esthetica da sua materia graphica, de accôrdo com a distincção merecida pelos intellectuaes que nos honram com a sua excellente collaboração.

UM ARTISTA DE ELEIÇÃO

A Parahyba é uma cidade pacatissima que, em materia de emoções artisticas, vive dormindo quasi sempre. Só de rro em raro apparece quem nos desperte dessa modorra em que se esquece da vida e de si mesm'a a nossa sensibilidade esthetica. Então, erguem-nos, fingendo, encostados num cotovelo, olhamos em torno, escancaramos a bocca num bocejo longo, esfregamos os olhos e caímos de novo no valle dos travesseiros, enrolados no lençol quasi impermeavel, da nossa velha indifference pelas coisas do espirito. Os deuses, porém, parece, revoltaram-se e entenderam de mandar-nos, nos ultimos dias deste dezembro cheio de sol, um artista que, a gritos de talento, (porque só mesmo a gritos) nos fizesse abrir os olhos para a belleza da sua obra. Um artista que sabe misturar as tintas da sua palleta um sentimento vigoroso de brasilidade, transportando para as suas telas, com uma fidelidade de cor e um senso de proporção verdadeiramente admiraveis, os aspectos mais caracteristicos do ambiente em que nos movemos, seja um recanto de rua aquarellado de sol, com a ingenuidade das suas casas coloniaes, seja um caminho, um lago, uma cabana. Em tudo ha um sentimento essencialmente brasileiro. São as nossas arvores, o nosso céu, a nossa terra. O seu traço é seguro, o seu colorido expressivo, forte ou delicado, de accôrdo com os motivos que o artista escolhe. É um paisagista que sabe ver, pensar e sentir. Como retratista, eis o maior elogio que pôde merecer: os seus retratos, perfectos nas linhas e na cor, têm character, destacam-se da tela, vivem. Mas, não julguem que nos esqueçamos de dizer o nome d'esse artista a quem devemos os deliciosos momentos de emoção que nos proporcionou com a sua exposição prestes a inaugurar-se. Não, não nos esqueçamos. Ademais, pelo que dissemos, já todos sabem que esse espirito de eleição é Balhazar da Camara, o notavel pintor que a Parahyba tem neste momento a prazer de hospedar. — P. D.

Aos nossos leitores e assignantes prevenimos também que a direcção de Era Nova acaba de outorgar ao sr. Sebastião Soares Cavalcanti, plenos poderes a fim de angariar assignaturas para esta revista nos Estados de Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas.

Aos nossos amigos desses Estados temos o prazer de recomendar o referido sr., esperando que os esforços por elle empregados lhes mereçam a mesma attenção que até hoje têm dispensado a esta revista.



O SR. DR. GÔES CALMON, illustre governador da Bahia,
sob cuja esclarecida administração
tem recebido aquelle grande Estado nortista os mais sa-
lutaes influxos de progresso, em todos os ramos
de sua actividade constructiva.

DOS HOMENS E DAS COISAS



Durante a ultima exposição canina de Richmond (Inglaterra), foi lançada a moda de usar vestidos cuja cor seja a mesma dos pelos dos cães. Ao que parece, não pegou...

○ ○ ○ ○ ○

OLEGARIO MARIANNO

O irmão mais fútil de Musset...

Olegario Marianno visitou Recife, a sua cidade natal; passando por nosso porto marítimo, não se deu ao sacrifício de vir até cá, onde elle conta tanta gente amiga. Em Natal, acabam de render-lhe homenagens, a Elle — o poeta das Mulheres...

É uma gloria pernambucana. Não sei, porém, se Recife, que «liria» e ri, parisiensemente, nos footings da rua Nova ou ás bancas da *Bijou* ou pelas *blagues* do sr. Austro Costa; não sei se Recife tem pelo poeta de *Bataclan* e dos *Castellos na Areia* e das *Ultimas Cigarras* alguma particular adoração... O que, aliás, (sem paradoxo) seria natural e não seria natural: Natural, porque Olegario Marianno é o maior lyrico, na mais íntima acação desta qualidade artística, o mais delicioso, o mais proprio a este momento de arte brasileira. O maior lyrico desta geração. Não seria natural por que elle nasceu em Recife e como não ha prophetas em terra natal... Mas isto seria muita superstição pelo proverbio bíblico...

Ou Recife adora ou apenas aprecia o seu Poeta... o que sei é que, ainda essa vez, o acolheu com homenagens. E com o carinho colectivo das suas Mulheres...

Olegario Marianno não faz parte desta geração illustíssima de São Paulo... (Ou melhor: que obedece ao movimento artistico de São Paulo, tão recente quanto imprevisivelmente admirável com esses poetas que esculpem em estylo d'ouro o grande sentimento humano de sua arte. Depois de elle espalhar por todos os recantos da publicidade nacional o seu renome de lyrico com

Agua Corrente, com as *Ultimas Cigarras*, é que apparecem, como uma invasão de principes mil e uma noitescos, Menotti Del Picchia, Guilherme d'Almeida, Murillo Araújo, Ronald de Carvalho, Oswaldo Orico, Onestaldo de Penafort... Mas Olegario Marianno abrange estas duas phases da lyrica brasileira, que deixa o soneto parnasiano, o alexandrino (o alexandrino!!!) pelos versos variados de sua poetica actual...

A caracteristica da poesia de Olegario Marianno é uma especie de ecletismo, que aliás lhe vae muito bem. Não se petrifica nem nos blocos de mármore do sr. Alberto de Oliveira nem se derrama, livre e



Esta é Lita Duc, artista argentina, que com a finura da sua sensibilidade puramente parisiense, desfructa o privilegio de ser um elo entre os metros artisticos de Paris e Buenos — Aires.



Como num passo de baile se manifesta uma intensa paixão amorosa. Odu offre *Lamento D'Amor* a Ricardo Boscato, ballarina ultimamente applaudidos, com furor, nas capitães europeas.



EM PARIS — O jardim das rusas, sobre a Esplanada dos Invalides.

bello como perfumes deramados de caçoulas, como a arte daquelles poetas que elle precedeu na ordem chronologica da publicidade...

Olegario Marianno conquista a força de persuasão esthetica... As sensibilidades leigas aceitam-no como uma dessas vulgaridades deliciosas. As mesmas sensibilidades que repelleriam Chopin e acceitariam uma modinha de serenata...

Já houve um habito na critica nacional de dar-se um paralelo (especialmente francez!) aos nossos poetas. Ao sr. Olegario deram-lhe, como paralelo, Musset... O sr. Olegario gostou muito. E qual o poeta que, como elle, corteja o Amor e as Mulheres, que não gosta de tal paralelo? Musset...

Um mulato diabolico, porém, surgiu por esse tempo com as *Pasquina-*

das *Cariocas*. E com o martello de sua irreverencia, o Thor moleque e anti-gallego, que poz por terra o monumental Austregesilo; in da falsa belleza estylistica de Albertina Bertha, como quem, em pleno Club, arranca a cabeleira supposta de uma dama pretenciosa; o sr. Antonio Torres insurgiu-se contra o paralelo do autor de *Agua Corrente* com o autor de *Namouna*...

Olegario Marianno é, talvez, dos discipulos de Musset o que mais adoravelmente se lhe parece...

Musset é o mar de agua azul... Deste azul que não é reflectido do céu mas que é uma propriedade chromatica de suas aguas. Olegario é a lagôa que reflecte azul...

Mas Olegario Marianno detém no Brasil a gloria maior que Musset conquistou na litteratura do do mundo: Elle é o poeta das Mulheres...

E. B.



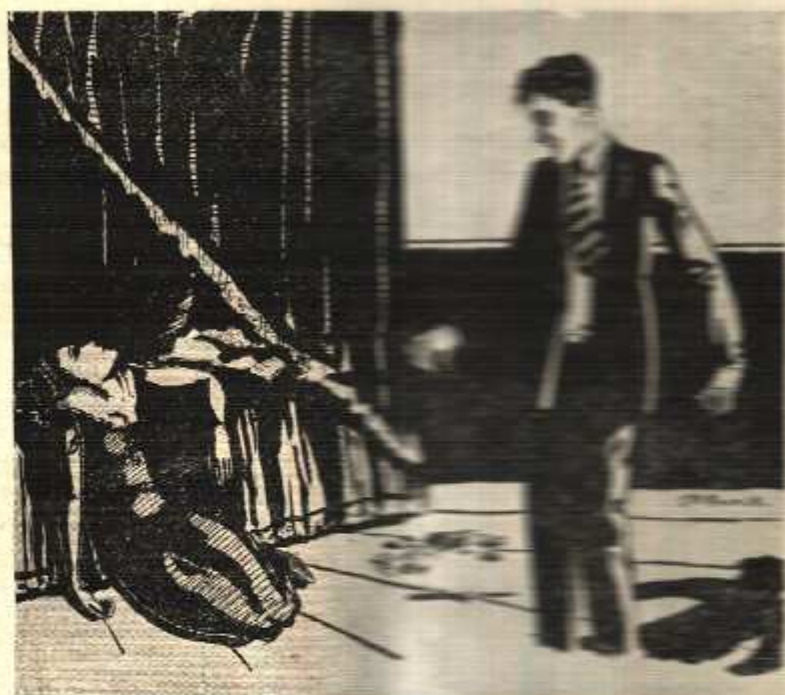
São as lindas pernas de Marion afamada ballarina inglesa — pernas que, pela pureza das suas linhas, têm, segundo dizem, mais "vencimento" do que as da celestina.

Do amor, da morte e da loucura



Nôma — em que Yrka se aproximava de mim — tentava-me bem — eu senti crepitar no meu centro o diabo delirio de todas as cobinças. E foi de muito alto que voltei para as distâncias adormecidas do meu passado e vi que esta mulher era qualquer coisa que vinha comigo de muito longe, um como ponto de referência na eternidade do meu destino.

Desde aquele dia, a minha existência sofreu um novo sítio real. E as minhas emoções, como as águas de um grande rio, mudaram de curso. A paisagem da Vida distendeu-se ante os meus olhos com novos horizontes. Sorri... sonhei muito. Mas sofria muito mais.



Muitas vezes depois a creio com verdadeiro pavor que essa mulher era intangível. Outras muitas recuo diante della, no terror de que era impuro demais para tocar com a ponta dos meus dedos. Quando, torcendo pela ansia de senti-la minha, de ter a prova inapagável de que ella existia, eu estendia para ella os meus cinco sentidos, como braços afflictos, torturava-me logo uma sensação dolorosa de ausencia, tinha uma impressão allucinante de distancia immensuravel, de solidão mórtificante. Mas — coisa admiravel — eu,

nestes momentos de agonia suprema, lembrava-me com uma timidez que me causava assombro, de que, um dia antes, Yrka fôra uma realidade.

E eu revia com um misto de esperança e de saudade, o seu corpo magnifico de deusa adolescente. Na memoria da sua voz eu recordava a caricia das suas palavras e, alongando os meus labios, sentia em minha bôcca o sabôr do seu beijo, que puzera na hypersensibilidade dos meus nervos vibrações desordenadas de loucura. E eu pensava: Seria possivel que Yrka fosse apenas a reprodução desesperante de uma recordação sem causa?

— Um amor cheio de extases e de revoltas mexia raízes profundas no meu ser. E sempre na certeza absoluta de que a possuira um dia antes, eu gritava para o meu silencio:

— O que é feito della?

E, num desespero que punha nos meus olhos reserberos de colera, eu saia á rua, procurando-a. Os transeuntes olhavam-me admirados e afastavam-se para que eu passasse.

Um dia alguém me disse com lagrimas na voz:

— Pobre amigo! como é triste o teu destino! Como ficaste assim? Por que me olhas tanto? Não comprehendes?

— E ella? perguntei.

— Ella, quem? Não vês que procuras o que não existe?

E afastou-se chorando.

— Por que chora elle? pensei. Então eu procuro o que não existe? Pensará que eu estou ficando louco? Quererá illudir-me? Dar-se-á o caso de que elle também a ama?—E uma onda amarga de ciúme subiu-me á cabeça, rangindo nos meus dentes trincados.

— Matal-a-el! disse, e continuei a andar somnambulicamente pelas ruas desertas. Acreditei, então, firmemente que ella me havia traído.

Lembro-me de que um dia eu disse para mim mesmo:

— Por que a não matei, hontem, quando ella veio?

Mas uma gargalhada satânica estrugiu-se a

minhas entranhas e uma voz, com profundo sarcasmo, vinda não sei de onde, derramou nos meus ouvidos o fêl destas palavras:

— E tens certeza de que a viste hontem?

E essa voz pareceu-me a voz de Yrka. Olhei em derredor de mim. Eu estava inteiramente só...

Até a meia-noite desse dia eu não tinha dormido. Nunca tivera, como nessa noite, tanta certeza de que Yrka viria. E destruindo-a eu destruiria o sonho que me torturava. Sim, ella já me não pertencia! Ah, o prazer de vê-la morrer nos meus braços! E depois... depois... Disparei a rir. Quando parei de rir, os soluços afogavam-me e as lágrimas caíam dos meus olhos. Chorei convulsamente.

Puz sobre a minha mesa de cabeceira o punhal de cabo de madreperola que uma mulher outrora me dera de presente. E esperei, esperei. Alguém bateu á minha porta. Corri a abrir-a. Yrka entrou. Vinha toda de branco. Olhou-me bem nos olhos, longamente. Por um momento julguei-me victima de uma allucinação, porque quando a quiz tocar não pude vê-la. Mas, não, ella estava alli. Beijou-me na bocca, abraçando-me. As suas mãos percorreram-me o dorso, pondo em minhas veias arrepios de febre.

— Ah, que saudades de ti, meu amor!

A sua voz parecia vir de muito longe... Julgo que havia relampagos de odio nos meus olhos. E eu gritei, segurando-lhe os pulsos:

PERYLLO

DOLIVEIRA

— Por que vieste? Que dirias se eu te quizesse matar?

Houve um silencio.

— Traiste-me... Eu sei...

— Quando eu não mais merecer o teu amor — disse ella — faze de mim o que quizeres.

Era uma confissão, pensei. E não sei o que disse. Lembro-me que lhe apertei a garganta com força, arrastando-a para o leito.

— Que vás fazer? gritou, pondo nos meus os seus olhos espavoridos.

Arremessei-a sobre as almofadas e, segurando-a com um braço, com o outro peguei do punhal e... cravei, cravei. Ella gritou outra vez. Então senti agitar-me todo, uma ansia quasi obscena de beijar-a enquanto ella morria. E beijei-lhe a bocca já quasi livida, os olhos semi-serrados, o collo arquejante, os braços molles... Mas ao ver tanto sangue, e o corpo inerte de Yrka, muito branco, sobre os lençãos, recuei e mais uma vez ergui o punhal... Um frio glacial percorreu-me a medulla...

Surgiu o sol. Achei-me junto do leito, de pé. Mas não pude lembrar-me logo do que se havia passado. De repente o nome de Yrka veio-me á memoria e, não sei por que, voltei-me para o leito. E sobre elle nada mais vi do que um corpo de homem, ennodado de sangue. Compreendi tudo. Yrka existira apenas na minha phantasia de louco. Aquelle corpo era o meu. Oh, como estava horrivel o meu cadaver!!!

A PARTIDA DE JACOB



A M O R D O — (Rodolpho)

Pela janela aberta, aberta para a noite profunda, eu olhava as estrelas que me olhavam com os olhos fechados. Lá fora, na rua, o luar aparellado de branco as árvores e os telhados. Das janelas de ligar-luz saía um vento fresco, carregado de perfumes que, cá dentro, na sala quasi deserta, se misturavam ao forte cheiro de vinho e ao fumo dos cigarros. Era um café de arrabuiade, frequentado por homens de classe humilde e por mulheres bastante conhecidas...

— Pronto, a cartola!

Dois homens e duas mulheres jantavam e conversavam, rindo, em uma mesa. Olhavam-me, comovidos, tristemente. Ali eu era gente nova. Bebi quasi de um trago o copo que o garçon enchêra. Olhei a meu relógio, que marcava mais ou menos quinze.

Já começava a garça quando alguém me bateu no hombro. Voltei-me.

— Oh!

— Como vai você?

— Bem. Mas, que diabo, quasi não a conheço. Está mais magra. Aliás, fica mais bonita, mais... mais interessante...

— Bom!... Não grande.

— Mas, vamos lá, que faz você por esta zona?

— Não sei sabe que faz uma mulher que anda a estas horas pelas ruas e pelos cafês?

— Como?! É o seu marido?

— Então não sabe ainda?

— Não. Não sabe de nada. Também, faz quasi um anno que nos não vemos.

— Pois eu já não tenho marido. Deixo-o. Faz um site novo.

— Mas, por que faz isso? Ele era tão bom para você. Trabalhador, honesto...

— Sim, certo, mas não. Foi uma grande decepção... Deixei-o...

— E ali?

— Assim que saí da minha amargura, chorei como um menino e parti para a maré, dizendo que eu nunca mais havia de vê-lo. E ali fiquei, sem notícias. Sabe quem foi...

— Com quem? Garçon, mais tarde.

— Sabe quem foi a causa de tudo isso? O Sérgio. Talvez você não conheça.

— Não. Mas quem é ele?

— Não, não. É difícil falar de. Se hoje sou, o antigo é esquecido. Mas, você compreende... o que eu senti pela Sérgio foi uma coisa especial. Para mim todos os outros homens perante ele não valiam nada. Era moço, forte, saudavel. Ah, o seu corpo! Eu achava não era um homem de corpo comum. Parecia aquella estatua de bronze que você me mostrou um dia na minha despedida com o Raimundo. Lembra-se? Pois ele era assim. Eu sabia que peccava, que, amando aquelle homem, eu me tornava uma mulher... não. Mas eu achava em tudo isto um sabor exquisito. Por aquelle homem eu seria capaz de cometer o maior crime. Eu, entendo, não sabia quem era ele. Fosse bom ou má eu amava-o da mesma maneira. Só agora eu sei disso, que o amor de... mesmo modo. Porque hoje eu sei que elle é um homem sem nenhuma qualidade apreciável, que é um criminoso...

— Criminoso?

— Sim. Três mulheres já choraram, por causa dele... enganou-as, perdeu-as... Pois bem, eu hoje sei de tudo isto e, apesar de ser desgracia, quero de já não amá-lo como antes, sou capaz de sacrificar-me por elle... É a vida... o Destino... Mas se já não o amas mais, porque não te casas com elle? A principio elle tinha razão, eu coheria, mas, perante a minha insistencia em olhar-o em sorriso, um dia ele disse-me: Eu não sei o que lhe disse. Sei que tremia muito. Depois veio a confiança... e

um dia... aconteceu o que devia acontecer. Eu não o amava mais, não mais o amava, não mais o amava. E disse-se que era elle tão humilde! Ignorante, não, apenas, não. Mas que me importava isto, se amava a sua mocidade, a sua força, a sua saúde, o seu corpo?! Eu amava simplesmente, não o melhor, mas o mais bello dos homens. Que elle não fosse bom, não me interessava. Mas ele tinha medo e por isso esqueceu-me. Faz três meses... já, quanto tempo? Não lhe posso dizer. Enfim eu já tinha previsto esta consequencia. Resignado. Foi o meu unico amor. Porque, você sabe, a meu marido eu nunca dediquei mais do que uma sympathia fraternal. O meu casamento foi um sacrificio á ultima vontade de minha mãe. Mas, aliás, é que tem de ser bem mais forte.

— E agora?

— Agora, que mais posso eu fazer? Resignado pelo meu marido e desgracia pelo meu amante? Bote mais um pouco de coragem. Talvez saiba mais hoje, sabe? É preciso. Um homem disse-me outro dia que se desgracia um copo de aguardente na beira do Sado... É engraçado, não é? Ah, se eu conseguisse entendê-lo! Dizer que eu sei é bom. Que horas tem?

— Uma da manhã. Não vai já não?

— Não, preciso ficar aqui até ao dia novo.

— Adeus. Quando precisar de mim...

— Adeus. Preciso, certo. Naturalmente, como as outras da minha vida, serei preza, um dia. Recomende-me ao chefe de polícia.

Soltou uma risada gostosa. Mas havia lágrimas nos seus olhos. Sabe. Os gallos, fatalando as asas, cantavam, longe. As estrelas tremiam no céu profundo. A luz nova desaparecia por detrás das casas.

Desde essa noite nunca mais a vi.



OS REMANESCENTES SELVICOLAS DO INFERNO VÊRDE



Pequeno vocabulário do dialecto falado pelos índios Parintintins, dos rios Ipixuna e Maicy-mirim, na região do Madeira, do Amazonas, organizado por Joaquim Gondim.

A

Água
Água amarela
Areia
Árvore
Ananaz
Arraia
Arco
Arco-iris
Arara
Algodão
Azul
Assucar
Aranha
Aurora, amanhecer
Acabou-se
Andar
Accender
Accender a luz
Assoviar
Arrancar
Abanar
Aborrecido
Accordar

Ehê
E-iúb
Ed'a
Rôbá
Apará-pará-hom
Iabé uête
Euêrapá ou iuirapá
Euêrá-caabú
Canindê
Amandediú
Diú-kêrê
Cânati
Nhandú
Kiró-coême
Momia
Mô-mô
Emoêndê
Emoêndê-tatá
Otomône-im
Omondorô
O-pêdju
Ki-an
Ôma-ê

Avô
Amanhã
Agora
Alii
Aonde

Diramôin
Coimomé
Kiró
Irupé
Momé

B

Bom
Boníssimo
Banana
Borboleta
Braços
Bocca
Bezouro
Barranco
Barraca
Bacia
Branco (côr)
Basta te

Catú
Caturité
Pacoité
Arêrê
Ahê-re-adibê
Ahê-diurú
Carú-oropé
Eêtêm
Ogá
Iá-imbebe
Tinhá-em
Pucú

C

Casa
Caminho
Carvão
Civilizado
Comer
Comida
Cadaver
Canivete
Chuva
Chapéu
Cabeça
Cabello

Ogá
Ipi
Tatá-pêe
Tapêe
O-ú
O-ú
Omonô
Barupai
Amâni
Akânitara
Ahê-acang
Ahê-ap

Céo
Chorar
Cahir
Cantar
Café
Cobra
Côxa
Carangueijo
Como se chama?
Canôa
Curimatã
Cachorro
Calor
Cuia
Caneco
Cortar o cabelo
Canna de assucar

Ivág
Odiê-hô
Ohí
Onibã-ôí
Cauim-hum
Bod'a
Ahê-up
Guararú
Garândarara
Ehad
Enêd'a
Diaú-mên
Cuará-hê
I-á
Niântigui
Nerepini
Iukêratê

D

Dia
Depois damanhã
Depois
Dor
Doente
Dente
Dedo do pé
Dedo da mão
Deus
Dois

Ara
Coimomé-hê
Hê
Ahê
Ahê
Ahê-râina
Ahê-piham
Ahê-pum
Tupan
Mucôin

Grupo de índios parintintins que, com um arrojo e audácia surpreendentes, deixaram, em fevereiro deste anno, as suas malocas no Paraná-Manguaré (rio Ipixuna), dirigindo-se ás margens do rio Madeira, de onde, num batelão, seguiram para Manáos, enfrentando, na longa travessia, toda a sorte de perigos e surpresas que offerecem as lortas corredelras e mareas do Rio Mar.

Nessa arriscada viagem



gulava-os o heroico Diête, que já estivera em Manáos, trazido pela Inspectoria de Índios do Amazonas que, com uma catechese bem orientada, tem empregado os maiores esforços para incorporar á civilização a brava tribo dos parintintins.

Vêm-se no clichê: 1—Reha, 2—Diatay, 3—Bocahay, 4—Piracatuê, 5—Diôpe, 6—Iebête, 7—Irêta, 8—Boschê, 9—Dioai, 10—Piracutu, 11—Diatay, 12—Mangoré.

Amazonas - Yuabá

visto de

frente e perfil



Pular, saltar
Pouco
Passaro
Perto
Pae
Parente
Pê
Pesçoço
Pernas
Parintintin
Praia
Peneira
Pedra
Preto (côr)
Panella

Ohé-ohé
Nahetal
Uêaem
Irâ-ohé
Rup
Amôin
Ahé-pê
Ahé-diocôk
Ahé-rê-tê-mucôin
Cauahib
Evêcin
Irupême
Itâ
Nimônûm
Niâ-pêpói

Q

Quero
Que, qual

Putari
Gará

R

Remo
Remar
Rio Madeira
Remedio
Ruim
Rêde
Rancho
Rio
Retrato

Adicuái
Atêcuái
Caiary
Mohán
Tira-um
Tupáb
Hapúi
Paraná
Araragape

S

Sim
Sei
Seu, sua
Sentar-se
Segredar, falar baixinho
Sobrançelas
Somnolento
Sol
Sobrinho
Sapato

Aé, ta
Cuahab
Gahá
O-apêk
Hibébô
Ahé-re-ppicang
Diurú-diai
Cuará
Tutê?
Ipêro-hum

T

Teu, tua
Tu das
Tarde
Trovão
Terreiro
Terçado
Tartaruga
Trazer
Traz-me
Deixa dar
Tio
Testa
Thorax

Dehê,
E-mondô
Caruca
Tupá
Okád
Itâ-kibê
Eâ-butê
Erú
Erú-dibê
Tamondô
Ditutêd
Ahé-re-aiubá
Ahé-rê bék

U

Um
Umôigo

O-ipê
Mocôin

Vós
Elles

Penhan, pe
Nharrá, o

PRONOMES E ADJECTIVOS POSSESSIVOS

Meu, minha	Ahé
Teu, tua	Dehê
Seu, sua, delle della	Gahá
Nosso, nossa	Nhandê, oré
Vosso, vossa	Pehê

ADJECTIVOS NUMERAES

Um	O-ipê
Dois	Mocôin

ALGUMAS PHRASES

Nós vamos dançar	Ti-ahô ererupê
Onde está meu pae?	Mará-momé di-rup?
Elle vae pescar	E-hô mopô-heré
Que estás fazendo?	Gará-nde-re-apô?
Meu pae está doente	Ahê dirup

OBSERVAÇÕES: — As variações pronominaes precedem a forma verbal para indicar as diversas pessoas, e são as seguintes: do pronome dihi — *di, a*; do pronome indê — *de, e*; do pronome gahá — *ga, o*; do pronome iandê — *ti*; do pronome penhan — *pe*; do pronome nharrá, — *o*. Exemplo: a-hô, eu vou: pe-hô, vós ides; o-hô, elles vão.

Os prefixos communmente usados pelos Parintintins são: *ta*, que exprime affirmção; e *da* e *na*, que exprimem negação. Exemplo: *ta-hapia* (sim, vejo, ou deixa vêr); *da-hapia* (não vejo); *na-putari* (não quero).

A construcção das phrases é deveras curiosa. A *sim*, ao invés de *Mará-momé oê-rup* (onde está meu pae), elles dizem *Mará-Momé di-rup* (onde está meu pae).

PRONOMES PESSOAES

Eu
Tu
Elle
Nós

Dihi, di, a
Indê, de, e
Gahá, ga, o
Iandê, ti



CONCURSOS REGIONAES DE SEMENTES

A realização dos concursos regionaes de sementes, em boa hora instituidos pelos Sr. Ministro da Agricultura, como meio de propaganda e ensino do Serviço de Inspeção e Fomento Agrícola, terá inicio ainda este anno, sendo contemplados os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Os trabalhos preparatorios vão adiantados e lastimamos adiar detalhes para proximos numeros, interessados, como estamos, em estimular iniciativas dessa natureza e alcance.

Os nossos applausos aos lavradores concorrentes na pratica da selecção melho-

dica" para obtenção de sementes homogeneas, de maior valor agricola e commercial, tão necessarias aos nossos creditos de agricultores, repetimos, estão dentro do nosso programma, e consistem em homenagem aos concorrentes classificados e premios de assignaturas annuas do "Brasil Agricola", distribuidos em cada Estado, a juizo da commissão julgadora, sendo uma destinada aos concorrentes da 1.ª e duas aos da 2.ª categoria.

E' pequena, mas espontanea e sincera, a contribuição do Brasil Agricola, dentro da esphera de suas attribuições de organo dedicado aos interesses da agricultura, pecuaria e industria rurais do país.

EU não dormi durante toda aquella noite. Viera tarde da casa de Annita. Deixara-a a um canto da janella, com uma lagrima a tombar-lhe dos olhos, como que num êxtase...

Os pais de Annita moravam. Si a Mariana, a preta velha da familia, ficara na Cidade para fazer companhia a minha, que iria á Praia logo que se encerrassem as aulas na Escola Normal.

Annita passara aquelle resto de noite a chorar. Nós dois na sala deserta. Na rua, ninguém. Uma rua sem calçamento, cheia de poças de lama pela ultima aguagem de agosto.

O hospital dos pais de Annita é afastado das outras casas da rua por dois largos alpendres cobertos e mural esculpida de arvore. Um longo caminho desce-se de veste pela mural de jasmim-nuvem... Hellebros, Crysanthemos...

Como lá não tinham meninos, há, na vasta sombra circumjacente, sempre um silencio mórno e protector.

— Annita!

— Não sei por qué fiquei aqui...

Que não dirão de mim os que te souberem aqui?

— Porquê, minha querida? Então, filha...

— tens medo? medo de mim...

— Não, não tenho medo...

Annita teve o pouto fujo de fechar os olhos voluptuosamente. Abracei-lhe a cabeça mórna, onde havia um perfume vivissimo. E puz-me a levantar-lhe os cabellos, a gosar-lhe, com os dedos ansiosos, a asperoxa da nuca rapada a *gilette*...

E ella estava com um somno... e acendeu no

meu peito a fronte, deixando a marca á mancha dos meus labios soffregos...

Lá fora não passava o dia...

Na sala, só o Pery, no do fôlego e machucado, a lembrar-me o aperto. Um desses talles fôlegos...

dar essejo a alguma cri-se nervosa? Calei-me.

— Rubens...

— Annita...

— Tu vens?

— Já é tarde... vou logo... Vou, Annita...

— E deitamos, não?

— Que historia é essa, filha? Tu não és minha, não sou tua, o teu Rubens? Que lagrimas são essas, Annita?

— Eu sou infeliz...

— Olha á romantica! Tu és minha; amanhã farei com teu pae.

ta tem para os seus me-ninos um miúdo tão particular, tão dulguoso, que ninguém imita... E' um miúdo gultural «errru-mo»... e toda tremida uma terrura imensa! uma terrura de mãe...

Passai quasi meia-hora

cabellos de ralva: Ser pae! Que irrisão! Não ser livre, não poder viver mais para mim, para mim só; multiplicar-me em cuidados; ter a cohibir-me as precipitações, as bellas precipitações de homem solteiro, o choro de um *bebê* inconsolavel... Eu tive ralva. Ralva de mim. De minha fraqueza de homem. Podia ter-me dominado. Fôra um provinciano, tão brutal quanto imprudente, ante as levandades de uma mulher voluptuosa.

Fôsse a vida do lar com a mesma despreocupação e frivola independência da vida de solteiro... *Trânseat*...

Mas ser pae!

E ser marido! e ver matronizar-se a mulher que eu amara; ver um corpo de carnes rijas ir-se aos poucos amollecendo, todo flácido... Para um estheta é uma desillusão.

E a desillusão é uma especie de morte lenta...

O casamento sempre me veio com essas antipathicas conjecturas.

Mas porque eu nunca conjecturei assim quando achegara ao meu peito, naquella noite mysteriosa e linda, o corpo virgem de Annita?...

Agora era tarde.

Eu me compenetrei bem desta fatalidade ante a responsabilidade do meu *patnitas conjecturas*.

receber-me o Pery a fazer-me festivamente; e atraz delle a minha deliciosa Annita.

Como vinha linda!

Eu nunca senti uma volúpia tão nervosa. Velume á lembrança frêscia a scena de bontem com toda a rubra poesia de seus requintes de amor...

E não me arrependi mais! O fructo não me fascinava apenas; dava-

SACRIFICIO

NOVELLA INÉDITA
de EUDÉS BARROS

Annita acompanhou-me até a porta.

Beijei-a nos olhos. E saí.

Em casa, fechei-me num quarto. Tive pena de Annita. Eu fui um doido. O romance amargava-me.

Nas grandes sensações mortaes há como que saberes physicos correspondentes á impressão que ellas nos deixam...

Porisso um gosto de fel com sangue me subia da alma...

— Nada! não é nada,

— pensei para justificar-me...

No dia seguinte, levantei-me depois das nove horas para o café matinal. Uma hora depois, tomei um banho longo.

Ante chegar a hora da repartição, puz-me a ameigar a *Pepita*. E' uma gata muito feminina. Três filhas, já de olhos abertas, não deixam os seis peitinhos da *Pepita*. E' uma volúpia! Ah! *Pepi-*

Annita acompanhou-me até a porta.

Beijei-a nos olhos. E saí.

Em casa, fechei-me num quarto. Tive pena de Annita. Eu fui um doido. O romance amargava-me.

Nas grandes sensações mortaes há como que saberes physicos correspondentes á impressão que ellas nos deixam...

Porisso um gosto de fel com sangue me subia da alma...

— Nada! não é nada,

— pensei para justificar-me...

No dia seguinte, levantei-me depois das nove horas para o café matinal. Uma hora depois, tomei um banho longo.

Ante chegar a hora da repartição, puz-me a ameigar a *Pepita*. E' uma gata muito feminina. Três filhas, já de olhos abertas, não deixam os seis peitinhos da *Pepita*. E' uma volúpia! Ah! *Pepi-*

a pregar peças á meiga mamã *Pepita*.

A's onze horas dirigi-me á repartição.

Eu estava triste. Via-me na contingencia de me casar com Annita. Exigia-m'o a consciencia. Aconselhava-m'o o coração...

Ah! A minha vaidade de dandy!

Casar-me! Obrigado, durante o resto da vida, a ver, amar, sentir a mesma mulher!

E eu que sou de uma versatilidade esthetica...

Um inconveniente (o maior de todos!) me dava impetos, que eu logo dominava, de arrancar os

me agora a impressão do sabor. Como quem morde uma pólpa para experimentar-lhe a delícia e cubiça-a com mais avidéz ainda,—assim me augmentou o desejo de possuir Annita. E ella o comprehendeu pelos meus olhos vorazes...

— Agora que vens, hein?—recebeu-me a sorrir. Um dia inteiro sem me ver!

— Minha Nitinha! Tu bem sabes que não posso vir ver-te de dia. As minhas occupações...

— Sim?

— Teus paes... quando vêm?

— Domingo. Escreveram-me.

Não achas que devo falar com elles?

— Tu é que sabes...

— Irei á Praia...

Annita deu de hombros com uma indifferença sublimé.

— Farás o que quizeres... O que muito quizeres...

Eu estava impetuoso. Dominava-me a custo. Annita percebia-o nos meus olhos ardentes... E baixava os seus. E corava muito. Antes qualquer novidade que notava no meu olhar ou nos meus suspiros, fazia-me logo perguntas com a sua curiosidade de mulherzinha... Agora não me perguntava nada. No entanto... eu estava tão outro! Um homem barbaro, todo sentidos. E achava-me mesmo brutal pelo meu olfego provocante, pela voracidade que me brilhava nos olhos...

Eu estava numa ansia intensa...

Annita parecia-me outra. Mais mulher, por uma certa blandícia mysteriosa do olhar, que só então mostrava; vi-a mais estonteante, muito mais, por já não ser uma simples promessa de delícia; mas uma affirmacção victoriosa da Carne!

— Annita!

— Cuidava que não viinhas hoje, Rubens... Ou nunca!

— Como?! pensava assim do meu critério, Annita?

Do teu critério... de gosador...

Pela primeira vez, senti-me menor diante daquella mulher: Ella me adivinhára...

— Eu noto em ti um requinte novo, Annita. Um requinte de... de crueldade.

Ella com o rosto erguido baixava para mim uns olhos de inexpressiva, talvez desdenhosa indifferença...

Approximei-a de mim. Tomei-lhe as mãos macias e brandas. Mas ao levar-lhe o braço pela cintura e quando me dispunha para uma caricia, Annita levantou-se.

O seu gesto surpreendeu-me. Imobilizara-me a audácia.

Ella era mais nobre do que presumira o meu egoismo de homem fútil! Annita, naquelle minuto, era o animal de espirito. Eu era a besta. Ella era o desdenho superior. Eu a brutalidade sensual...

Achel-me vil.

— Annita... perdóo... Murrei.

Ella contemplou-me em silencio. A sua altivez dava-lhe á belleza uma serenidade hieratica.

Dirigiu-se lentamente para o piano.

Eu ardi de vexame e de ansia. Aquella mulher quando me devêra parecer a delícia realzada, um fructo de que eu já saboreára a pólpa, uma mulher possuida, em summa, apresentava-se-me agora, mais do que nunca, no impenetravel e seductor mysterio do sexo. Eu então parecera-me o bandeirante que, julgando-se o absoluto senhor da região, se vê de súbito expulso della, sem

o triumpho de arrogar-se-me conquistador por que a terra, apenas desbravada, guarda inviolaveis os seus thesouros no seio... Era assim aquella mulher. O seu desdenho sem despeito, mas de uma indifferença pungente, humilhava-me e attrahia-me.

Annita dedilhára qualquer coisa de Mozart. Os seus labios, muito bellos e polpudos, acompanhavam distrahiadamente o rhythmo dos dedos pelo teclado. Ostentava-se-lhe na greça quasi infantil das feições uma austeridade tão friamente nobre que me desanimava os impetos.

De súbito, parára a execução. Eu esperei. Ella fechou o piano e veio a mim, accommodando-se ao meu lado.

— Annita... haluciei.

— E's livre, meu caro. Eu não te interromper a liberdade de viver. Não viverás comigo para ver em mim o desespero de tua vida de gosador. Nunca. Juro-te que um segredo eterno fechará os meus labios. Eu abandonarei esta casa. E' a casa dos meus paes. Mas uma cella há de garantir o segredo que depois só ao tumulto confiará.

Annita era de uma sinceridade heroica. Ella me adivinhava muito a parte insignificante do caracter, sabia-me capaz, pela minha pusillanimidade, de concordar com o que me acabava de propôr...

Só não sabia que nas baixas almas reponta, quando menos se espera, o mesmo sentimento de elevação que se abriga nas almas grandes;

como nos charcos se escôa, ás vezes, o mesmo limo que se espelha á pureza dos lagos azues...

Annita ha quatro mezes que é madame. Casou-se comigo.

Sempre pensei que a vida de solteiro fosse mais coerciva; nada me interrompe a felicidade, entretanto!

Mas eu tenho um receio... E' vaidade muita que me faz recear. Ah! Este receio, de tanto se me infiltrar como um veneno nas minhas conjecturas, acabou por me fazer um homem detestavel!

Minha mulher é um anjo... (isto á falta de outra comparação mais propria). Mas é por isso mesmo... Ah! o meu receio é tão indigno de um marido, que tenho vergonha de dizer-vol-o, leitores, leitoras... Mas como disse nas primeiras palavras desta narrativa, o que sempre me pintou abominavel o casamento foi a idéa da paternidade.

Ser pae! nunca. E o casamento é uma possibilidade infallivel dessa idéa. Dessa idéa ridicula...

Minha mulher, a quem falei acerca deste meu modo de pensar, ouviu-me silenciosa. Eu não comprehendí o seu silencio. Um silencio que nada retorquiu nem acquiesceu... Annita me tem sido de uma docilidade que me faz desejar-a mais communicativa, mais franca, menos silenciosa e impenetravel...

Eu, cada dia, vou descobrindo nella mais razões para querel-a com intensidade. Porque ella é a Belleza. Dahi o meu receio. Aquelle receio... A *délivrance* me vae decididamente estragar a belleza de Annita!

Annita terminará matrona com os graves encargos da maternidade. Perderá a vivacidade leviana e ingênua que ainda apresenta no nosso aduravel convivio a dois...

Era uma noite de domingo. Fôramos á retrêta do Jardim Publico.

Eu, a segurar-a doce-

mente no braço, passeava entre os homens e as mulheres o orgulho de minha grande felicidade. E o meu orgulho crescia quando os olhares ávidos dos outros homens cubicavam a belleza de Annita, como lobos famintos...

E eu recordel-me então dos meus tempos de solteiro. E sorria-me de triumpho como quem recorda dias de angústia num tempo feliz...

Que se gosa, quando solteiro, numa cidade como a nossa? Uns instantes breves de prazer. De prazeres estúpidos... Em geral se vegeta num tedio infeliz, que a mocidade impaciente e tropical vae esquecer nos copos ou na syphilia comprada ás tascas e aos bairros infimos.

Recapitulava todos esses factos tristes que são a vida de um rapaz solteiro numa cidadezinha do Nordeste... E augmentava em mim o goso triumphante de sentir-me marido de uma mulher bonita!

... e eu passeava entre os homens e as mulheres o orgulho de minha grande felicidade...

Voltáramos da retrêta.

A retrêta é uma vitrine de objectos mil vezes vistos; onde cada semblante é uma monotonia de muitos annos. Mas ha quem não se enfade com a futilidade insípida de uma retrêta...

Annita, durante a volta, não me deu palavra. Sentia-se exhausta... Respondia com monosyllabos ás minhas perguntas apprehensivas.

Em casa continuou melancolica.

— Tu soffres qualquer coisa, filha.

Não me respondeu. Mas inclinou a cabeça.

Inquietou-me deveras.

Fala...

...recusado tudo. Talvez até o teu coração...

Ella não disse nada. Eu me achei cynico.

— Olha... Eu volto logo.

Estive longas horas com o meu amigo. Cêdo ainda, voltei á casa. Satisfeito. Muito satisfeito...

Minha mulher estava só no salão. A claridade do abat-jour dava-lhe uns tons religiosos de silencio. Um silencio quieto e mystico.

— Estás a ler, minha Annita?

— Distrahia-me, Rubens... Sorriu-se triste como uma santa.

— Que lias, filha? Hum! versos... Tíhas este album?...

— E' antigo.

Era um album que ella escrevera antes de conhecer-me e onde se liam aqui e ali ora sonetos de Mendes Martins, com toda a sua velharia romantica; ora um «Amor e medo» de Casimiro d'Abreu e pensamentos sem assignatura e alguns versos de Bilac, etc.

— Tu gostas destes poetas? perguntei-lhe aproximando-me com um sorriso brincalhão.

— Lelo-os.

Annita! minha pobre Annita!

Eu acabo de conven-

cê-la a aceitar-me uma proposta vil. Ah! só eu e ella sabemos da impertinencia, do desespero cynico das minhas súplicas, das minhas instancias desatinadas! Eu cheguei a ajoelhar-me impetuosamente aos seus pés!

— Rubens, a tua proposta é mais do que um crime; é uma villania.

Aquella mulher era sublime.

E nunca me pareceu tão sublime como quando accellou o sacrificio.

Eu não dissera que ella me amava até ao sacrificio?

E nos impetos de minha alegria insensata, não via que dos olhos daquella mulher cahiam duas lagrimas de vergonha e decepção...

Toda esta manhã passou-a Annita com uma indisposição que eu, a principio, attribui ao caso de hontem.

O meu amigo, especialista em molestias de senhoras, auscultou-a e re-commendou-lhe repouso.

Chamei-o á parte.

— E' a acção do meu remédio.

Ella nada soffrerá?... Olha, meu amigo, não me occultes...

— Não é esta a primeira vez que empregó o meu abortivo. E' uma composição minha. Respondo por ella.

— Tu és um grande medico... Sorri confiante mas nervoso.

Nada... E' o interesse da profissão que me faz aperfeiçoar os meios que emprego...

Um gemido de Annita arredou de mim o meu amigo. Fu del um passo.

— Fica. Ordenou-me elle.

Eu fiquei com o coração a pulsar estranhamente. Veiu me então um desgosto profundo de mim mesmo. Vi-me indigno do sexo. Esmagava-me a alma a oppressão de uma grande e triste responsabilidade. Eu era um monstro perante as leis naturaes. E perante as leis sociaes. Ante o meu proprio amigo, que incorrera na cumplicidade scientifica daquelle crime vil, eu me vi monstruoso e desnaturado. Elle, o medico que computizera aquelle preparado de que com triumpho apregoava a infallibilidade; não era elle o pae de dois bellos filhinhos? Quando eu o ia visitar, não deparava logo á entrada dois anjos loiros e queridos que lhe iam annunciar a minha visita? Não vinha elle receber-me depois de beijar os seus dois bellos filhinhos, elle, o medico que computizera um veneno que matava o feto no ventre das mães?

Uma lagrima de remorso me cahiu dos olhos. E os meus olhos, desmesuradamente abertos, pareciam apavorar-se de mim mesmo.

E, subitamente, por uma terrivel mudança de pensar e de sentir, toda a minha antiga vaidade, todo o meu inconsciente egoismo, que se oppunham á idéa de uma paternidade, eram que mais agora me desesperavam vendo naquella idéa o seu triumpho e a sua instinctiva ambição! Era como que um arrependimento em todas as minhas opiniões, esposadas havia pouco, com tanta convicção e tenacidade: Eu tive uma vontade immensa de ser pae, de levar ao meu beijo um filhinho lindo, — muito parecido a Annita e a mim, — e vê-lo sorrir para mim e ouvir-lhe o «PAPÁ» e a «MAMÁ» — este prefacio da ternura humana, que é todo o poema do vagido... Ah! e se o meu amigo, ao sahir do quarto, me viesse dizer: «Vem ver o teu filho como é mimoso!» Ah! que ventura não seria a minha!

Esperei. Fechava e abria os punhos nervosamente.

Dirigi-me á janella que dava para o jardim.

Um espectáculo simples mas excelso me atrahiu a vista commovida:

Nos ultimos galhos de um croton dois passaros iam e vinham em torno de um ninho. Olhando com mais attenção, vi surgirem três cabecitas recém-nascidas... Um dos passaros conseguira aninhar-as sob as asas.

O outro, naturalmente o pae da ninhada, voava em rôda, sollicito...

Eu, que não sou nada piégas, mas, ao contrario, até de uma visão muito pratica das coisas, eu commovi-me; talvez o estado d'alma em que me achava no momento.

O passaro, após consertar as palhas e flôcos do ninho, voou. Foi até uma cajazeira alta d'onde pendiam cajás amarellos, já bicados das outras aves. O passaro prendera no bico um pedaço da póipa madura e voltou ao ninho despertando a ninhada que lhe estendia os biquinhos ávidos... Era o pae!

Diante de mim estava a natureza.

Um gemido agudo de Annita me desviou a attenção. Eu tremia. Abriu-se a porta do quarto.

O meu amigo appareceu risonho e victorioso.

Eu o olhava com horror.

— Prompto, não tenhas receio, rapaz. D. Annita está sem novidade.

O feto veio em pedaços. Ora, vae ver...



ERA NOVA NO CAMPO

IMPORTANTES
INFORMAÇÕES
PARA CRIADORES,
INDUSTRIAES
E AGRICULTORES.

O ensino agrícola e a profissão agronomica no Brasil

Pelo agronomo ARTHUR TORRES FILHO, director do Serviço de Inspeção e Fomento
Agrícolas — Ministerio da Agricultura.

*O ensino agrícola constitui factor de
vasta importância para a nossa expan-
são económica.*

*Regulamentemos as profissões agrono-
micas e veterinárias, dando-lhes a finali-
dade que pretendam e devem ter na nossa
organização politico-social.*

Infelizmente, é visto como procrastinar questões impor-
tantes, ou encasalá-las sem o desejo de resolvê-las nos seus devidos
termos, deixando de encontrar para ellas a solução compatível
com os interesses nacionais.

Será precisamente o que vem acontecendo com o ensino
agronómico no país, tendo atingido um grau de dissolução e
anarchia, que já hoje se torna difficil, a não ser com muito es-
forço e habilidade, imprimir-lhe organização de accordo com as
nossas exigencias.

Não há quem conheça o que vai pelo país em materia de
ensino agronomico, e se não convença de que elle está a exigir
os maiores sacrificios, sob pena de trazer fortes desenganos à nossa
mocidade.

E' que a profissão agronomica tem de se exercer no
campo economico, e num país como o Brasil, onde tudo está
por fazer-se, cêdo a aptidão profissional precisa ser revelada.

O espirito de iniciativa e a faculdade de observação, são
requisitos de todo indispensaveis ao profissional em agronomia.
Dahi porque, ao lado de uma solida theoria, tanto quanto possi-
vel applicada á agricultura, o profissional precisa dispor de co-
nhecimentos praticos, sem o que difficilmente alcançará exito na
vida.

E' fatal que o ensino agrícola tal qual está sendo minis-
trado na quasi totalidade das nossas escolas, acabe por afastar
por completo a mocidade brasileira da carreira agronomica.

Pois então, é trivial admittir-se escolas agrícolas sem appa-
relhamento tecnico, sem um corpo docente que conheça a sciencia
applicada á agricultura e, além do mais, sem propriedades agri-
colas, onde os alumnos se familiarizem com a pratica e acom-

panhem todos os serviços e culturas, de modo a se tornarem ca-
pazes de dirigir uma exploração agrícola?

O meio em que se desenvolve o ensino agrícola, na opinião
de Edouard Leconteux, deve ser constituído por recursos moraes
e materiaes de tal ordem, que permitam áquelles que frequentam
a escola o habito de applicar a theoria á pratica, o exercicio
combinado das faculdades intellectuales e physicas em tudo que
se torne aproveitavel á função do agricultor.

Que há uma responsabilidade do Ministerio da Agricultura
neste estado de coisas, não se pôde negar, pois a elle compete
superintender e dirigir o ensino tecnico profissional do país.

A ninguém é dado hoje desconhecer a importancia econo-
mica e social que o ensino tecnico-profissional está sendo cha-
mado a representar na prosperidade das nações civilizadas.

E' assim que o ensino agrícola no Brasil, além de poder
concorrer para o augmento de nossa produção a fim de que
possamos exportar em maior escala, teria ainda a virtude de con-
correr para despertar as energias mentaes e moraes da nossa po-
pulação rural.

Neste particular, o papel do profissional da agronomia é
de uma grande relevancia; mas será preciso que elle tenha a
exacta noção de sua utilidade social, da elevação do seu mysterio
e se sinta com capacidade e energias sufficientes para desem-
penhar o.

Será preciso também que nas nossas escolas agrícolas haja
um pouco de ideal e de fé!

O Brasil, vasto como é, onde as condições agrícolas variam
immensamente, não poderá centralizar o ensino agrícola numa
unica escola, nem privar aos brasileiros, seja de que Estado fôr,
do direito de se encaminhar para a carreira agronomica, confe-
rindo a todos os mesmos direitos.

E' minha convicção de que o ensino agrícola entre nós
terá que ser modelado de modo diverso de outros países. Existe
nas demais nações muita coisa que nos poderá servir, soffrendo
porém, adaptação á nossa educação e indole, aos nossos costumes,
condições de clima, culturas etc.. Além da generalização scienti-

fica, o ensino agrícola no nosso meio deverá talvez facilitar a especialização, isto é, a formação technica propriamente dita.

Quando não fosse possível manter-se uma escola agrícola em cada Estado, poder-se-ia ter uma boa escola para um grupo de Estados, que seriam subvencionados pela União com o decidido concurso de cada Estado.

Quer parecer-me que deveríamos adoptar o regimen da centralização no ensino agrícola, como nos Estados Unidos, em que a escola agrícola é o centro de todos os serviços agronomicos regionaes, tendo annexo estações experimentaes, cursos de mecanica, etc., dispondo para isso da necessaria aparelhagem para o ensino theorico, experimental e pratico.

Desse modo a *escola agrícola* torna-se o centro de irradiação do ensino e de utilidade immediata para a propria agricultura regional.

Ponto importante é o que se relaciona com a administração das escolas, que nos Estados Unidos está entregue a conselhos administrativos, a quem incumbe também fiscalizar as estações experimentaes.

Ha presentemente 48 instituições estaduais desse genero.

O curso nas escolas é um só, de quatro annos, proporcionando uma cultura geral. Não ha as escolas superiores de alto espirito scientifico como na Alemanha.

A verdade, que precisa ser dita, é de que a escola agrícola deve ser tida como um estabelecimento technico, que nos venha auxiliar na solução dos nossos problemas rurais tal como nos Estados Unidos. Os conselhos de administração, "boards of trustees" "boards of directors" etc., gosam nos Estados Unidos de inteira autonomia na direcção dos serviços administrativos, evitando a intromissão de influencias extranhas.

Outro ponto muito delicado para nós é o do magisterio agrícola, que precisa e deve constituir uma profissão.

Muito pouco se tem feito no Brasil, do Imperio á Republica, pela instrução technica agronomica, desde a Escola de S. Bento das Lages, em 1877, na Bahia, que formou bons profissionais, até hoje.

Em boa hora, reconheceu o actual Presidente da Republica, na sua ultima mensagem, a magnitude do ensino agronomico para o nosso progresso agrícola, declarando que *esperava dar organização definitiva a esse factor fundamental da acção do Ministerio da Agricultura indispensavel ao desenvolvimento agrícola do paiz*.

Houve, é certo, uma cogitação séria na regulamentação do ensino agronomico, com o Decreto n. 8319, de 20 de outubro de 1910.

Não se pôde negar a essa regulamentação um alto merecimento, consubstanciando medidas muito uteis e abrangendo as diversas modalidades do ensino agronomico.

Mal teve inicio de execução, que não durou talvez quatro annos, foi logo mutilado. Sendo assim, a critica que delle se possa fazer é falha.

A impressão que deixa o regulamento é a de ter sido inspirado nos princípios em voga na Europa, principalmente na França, Italia e Belgica, adoptando uma gradação no ensino agrícola pouco conviahavel ás nossas condições.

E' assim que previa *escolas superiores, médias ou theorico-praticas, praticas, especializadas*, divisão esta pouco justificavel hoje, em face das condições economicas novas que regem a industria agrícola.

Seria, entretanto, injustiça deixar de reconhecer nessa regulamentação altas virtudes, sendo um trabalho completo no genero, muito honrando os propositos e a cultura do seu auctor.

Previo o Conselho Superior de Ensino Agronomico como organ consultivo, com o proposito de auxiliar a acção do governo na orientação e fiscalização dos diferentes estabelecimentos e serviços.

E' o meu pensamento, no entanto, que quando se procurou transplantar para aqui o regimen da França, da Italia etc. creando-se uma Escola com o titulo de *superior*, e outras *theorico-praticas*, quizemos começar por onde os outros acabam, dando á nossa organização uma feição complexa e pomposa, que teria de ruir, como ruir, porque para ella não tinhamos sequer o professorado necessario.

Na França, por exemplo, tem-se as escolas nacionaes de Grignon, Montpellier e Rennes, que têm por fim preparar jovens "que se destinam ao ensino agrícola e á gestão de propriedades rurais, seja por conta propria ou de outrem".

O Instituto Agronomico de Paris, que é uma instituição quasi sem igual na Europa, de caracter polytechnico, é o unico estabelecimento que dá o titulo de *engenheiro agronomo*, conferindo as escolas nacionaes o titulo de *engenheiro agrícola* num curso de três annos.

▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽ ▽

Antiga horta do extincto campo de sementes de Espirito Santo, neste Estado.



Lê-se num inquerito procedido por uma comissão de antigos alumnos do Instituto Agronómico de Paris, o seguinte:

"Nous ferons remarquer si l'Institut Agronomique a formé de bons professeurs aux écoles nationales d'agriculture ces dernières ont formé elles-mêmes et en aussi grand nombre de professeurs non moins remarquables."

Convém assignar a excellent organização de Grignon, de renome mundial, e que no dia de Gervase D'Uva "tem sido um farol vivo de agricultores e profanos de agricultura para todo o mundo".

Nos Estados Unidos o curso nas escolas agrícolas é geralmente feito em quatro annos, exigindo-se para o exercício do cargo de professor e investigador dos estudos experimentaes um curso superior nas universidades, a que dão o título de *Master in Science* ou *Doctor in Philosophy*. Aos que completam o curso das escolas dá-se o título de *Bachelor in Science of Agriculture*.

Na Italia e no Japão os diplomados pelas escolas agrícolas recebem o título de *Doctor in Sciences Agricoles*.

Em todo o caso, a organização do ensino agrícola como existe na França, proporcionando desigualdade de títulos entre as Escolas Nacionais e o Instituto Agronómico, como se deprehe de da leitura do trabalho do Deputado *Phoniasier* "La réforme de l'enseignement agricole", já hoje não se sustenta, tendo servido para crear uma rivalidade prejudicial, mettendo que se diga ser o Instituto apenas "a antecâmara obrigatória de numerosas carreiras administrativas."

Nesse mesmo êrvo não incide o novo decreto n. 8.319 de 20 de Outubro de 1911, abdicado de idêas bonitas quando, previa a criação de escolas superiores e theorico-praticas para preparar engenheiros agrônomos (título esse na Europa só dado pelo Instituto Agronómico de Paris), agrônomos nas escolas theorico praticas e administradores nas escolas praticas.

Pela perfeição do seu ensino agrícola merec a Bélgica uma referencia especial. O ensino superior agrícola é ministrado no Instituto Agrícola do Estado, em Gembloux, de renome mundial, e no Instituto de Louvain.

Um e outro conferem aos diplomados o título de *engenheiro agrícola*, sendo facultativo o especial do quarto anno. O diploma de engenheiro agrícola só pôde ser conferido aos alumnos que tendo sido approvados nos três annos do curso, também o forem no *exame especial*. Os engenheiros agrícolas que são approvados no quarto anno e que defendem publicamente uma *these scientifica*, relativa a qualquer dos ramos da secção para a qual se inscreveram, recebem um *diploma especial*.

Será triste dizer, mas a verdade é que, no momento, exceptuando-se poucas escolas, não temos ensino agrícola no Brasil; e ensino organizado e fiscalizado, muito menos.

A responsabilidade do Ministerio da Agricultura nesse particular é insophismavel, porquanto esse ensino é de sua alçada, como ainda agora houve por bem referir o Ministro da Justiça na introdução do decreto da reforma geral do ensino no paiz.

Um ponto que resta examinar é se as escolas agrícolas technicas e profissionais poderão prosperar nos Estados.

Já o disse alguém, com muita propriedade, que ao envez

de sermos um paiz essencialmente agrícola, somos antes um paiz despercebido de nossas possibilidades agrícolas.

E estaremos condemnados a esta situação, enquanto não reconhecermos no profissional de agronomia um poderoso agente de expansão economica, mas para isso será preciso regular a profissão de agrônomo, cercando-a de garantias de cunho official, de modo a dar-lhe finalidade dentro de nossa organização politico-social.

Infelizmente, no nosso meio, ainda se não chegou a apprehender a utilidade dos agrônomos e veterinarios para se desputarem os seus serviços e assistencia profissional como factores da prosperidade e riqueza do Brasil.

E' sabido que, por enquanto, a mocidade solidamente preparada em humanidades se dirige a outros ramos profissionais, visto como a profissão agronomica não goza de regalias, não tem os seus direitos assegurados. O projecto apresentado pelo lucido espirito do deputado Fidelis Reis viria, não só desviar a nossa mocidade para as escolas agronomicas, como concorrer para a regulamentação do ensino.

E, sejamos francos em proclamar-o: não dispomos ainda de profissionais em sufficiencia, que saibam ensinar a profissão agrícola. Si as nossas escolas não proporcionarem ensino theorico e pratico bem orientado, falharão aos seus fins.

Por diversas vezes já tenho lembrado um Instituto Agronomico Central, com terrenos annexos, para as nossas altas pesquisas agronomicas, ao envez de pequenos institutos isolados que servirão também para preparar nossos *professores e especialistas* destinados ás estações experimentaes.

As idéas que venho de expender a titulo de ligeira impressão, visam apenas mostrar o grão de abandono em que até ago a têm ficado a profissão agronomica e a questão do ensino technico de agronomia, questões essas que reputo importantissimas para o nosso progresso agrícola.

E ellas têm que constituir séria preocupação, como factores decisivos para o nosso dynamismo economico.

Senão tenhamos bem presentes as palavras de Boussingault: "Le progrès agricole est du surtout à la science et le progrès se propage de haut en bas, jusqu'aux dernières limites, car la science ne remonte jamais. Elle part d'en haut tend à s'infiltrer jusque dans les couches les plus basses de la société".

E os meus votos são para que o poder publico, como parece ser do programma do actual governo, volte sua attenção carinhosa para o ensino technico agronomico, tirando-o da situação cahotica e decadente em que faz, de tudo prejudicial á nossa mocidade e á agricultura do paiz.



CULTURA DA MELANCIA

A melancia requer, para o seu desenvolvimento normal, uma terra bastante solta e bem estrumada, assim como bastante luz e muito calor.

Depois de se revolver bem o terreno, até a profundidade de 37 a 50 centímetros, abrem-se as covas numa distancia minima entre si de 2 metros.

Enchem-se as covas com estrume de curral bem curtido e misturado com terra e por cima deste uma pequena camada (5 cms.) de terra boa na qual deve ser collocada a semente, cobrindo-se esta com uma camada de terriço, numa espessura de 5 cms.

Um mez depois de feita a plantação deve-se dar a primeira sachá ou limpa fazendo-se o desbaste para deixar em cada cova dois ou três pés apenas em volta dos quaes amontôa-se a terra, calcando-a com a enxada.

Assim que as plantas começarem a emitir seus braços, estes devem ser repitados para os lados para que se não embaracem e cubram toda a terra por igual.

Não é costume *capar-se* a melancia; quando a planta se apresenta muito viçosa,

é conveniente cortar alguns de seus braços, em beneficio do fructo. Alguns, entretanto, espantam as guias, duas ou três folhas sobre os fructos, quando estes estiverem da grossura de uma nóz.

O tempo correndo secco, torna-se necessaria a rega.

O melanciaal deve ser conservado sempre limpo das hervas daninhas.

As folhas da melancia são atacadas por um fungo que as cobre de uma poeira branca, d'ahi o nome vulgar de *mal branco*; combate-se esse fungo com o emprego da calda bordaleza.

Quanto ás variedades, aconselhamos a cultura das seguintes:

Melancia de pevide preta. Fructo grande, espherico ou ligeiramente deprimido;

Melancia de pevide vermelha. — Fructo espherico de carne aquosa, muito empregada para doces;

Melancia colosso. — Esta variedade foi obtida na Italia. Encontrando terra e clima favoráveis, chega a produzir fructos com 68 kilos de peso; sua polpa é saborosa.

Melancia de Napolés. — Polpa vermelha

de sementes esbranquiçadas com as margens escuras.

Melancia moscatel. — Polpa amarella ou esbranquiçada e as sementes de côr castanha.

Melancia variegada. — Distingue-se pela casca do fructo que é verde com faixas claras. A polpa é branca rosada.

A colheita da melancia se faz quando o pedunculo principia a seccar e a casca se torna elastica; batendo-se sobre o fructo, percebe-se um som a *chico*. Taes *sympptomas* de maturação se observam mais ou menos quatro mezes depois da sementeira.

No geral, as melancias amadurecem 40 dias após a fecundação.

A produção média por hectare de terra é de 3.000 fructos.

A melancia é procurada pela sua polpa assucarada que mata a sede e refresca ao mesmo tempo; deve-se comel-a com moderação e somente quando bem madura, do contrario pôle produzir perturbações mais ou menos graves.

Os animais domesticos comem as cascas com avidez.

As sementes das melancias contêm 35 de oleo. — A G A B É

Ensino de horticultura na Parahyba do Norte — Pelo Sr. Ministro da Agricultura vem de ser approved o programma organizado pela Inspectoria Agricola do 7.º districto, para o ensino de horticultura na Escola de Capinadores da fazenda "Simões Lopes", no Estado da Parahyba do Norte

O ensino, que já está sendo ministrado sob a direcção da mesma Inspectoria, consistia de noções geraes e praticas sobre os pontos seguintes:

Agricultura e Horticultura.

A Planta. Physiologia do vegetal.

A raiz. O caule. A Folha. Especies e funcção.

A flôr. O fructo. Especies e funcção.

O sólo e o sub-sólo. Classificação dos terrenos. Cultura do sólo. Operações culturais.

Desbravamento; derruba, queima, coivara e destocamento.

Lavra: Aradura, destorroamento e gradagem. Seus effeitos.



Machinas, appparelhos e utensilios agricolas. Descipção e utilidade. Drenagem e irrigação.

Adubação do solo. Adubos organicos e chimicos. Correctivos. Estrumeira.

Re-produção das plantas. Sementes. Estacas. Selecção.

Semeadura e Sementeiras. Plantação e transplanção. Viveiro.

Mergulhia e enxertia. Fins e utilidade.

Enxerto por borbulhia, garfagem e encosto.

Poda. Poda de formação e poda de fructificação.

Trato cultural. Limpas, sachas e amontôas.

Defesa agricola. Pragas, molestias e tratamento.

Plantas horticolas e seu aproveitamento. Raizes. Tuberculos.

Bulbos. Vigens. Hervas comestiveis. Fructos.

Conservação, embalagem e acondicionamento dos productos horticolas.

DE LETRAS OLIVIO DE ALHEIAS MATTON

Ao genro, o amparo da esposa de um famoso amigo, o primoroso e infelizmente belicoso Trujillo Chacon, devo a minha entrada para o corpo de colaboradores da «Gazeta da Tarde», o respeitável vespertino fundado no Recife por Afonso de Vasconcellos, o periódico que foi o centro de uma brilhante pleiade de intellectuaes pernambucanas durante cerca de duas décadas.

Lembro-me, portanto, dessa quadra de início de vida de imprensa, quando tracei os meus primeiros artigos no jornal que o grande republicano historico Martins Junior então dirigia com a sua alta visão de evangelizador em meio dos descabros e desvirtuamento do regimen que elle propagara desde os bancos academicos.

Nesses dias do passado, aos dezeseis annos de idade, encontrava-me naquella sala da redacção, num predio da antiga rua das Cruzes, hoje do «Diario de Pernambuco», ao lado dos mais valorosos combatentes de uma politica de idéaes nobres que também não esqueciam as letras, sendo o exemplo dado pelo proprio chefe: — José Isidoro Martins Junior, que em meio das refregas dos partidos, permanecia o mesino poeta dos «Estilhaços» e das «Visões de Hoje».

O director politico da «Gazeta da Tarde» parece que fazia timbre

de conservar-se um homem de letras, esculptor, estatuário, cinzelador da palavra, dando uma ou outra vez á publicidade os mais brilhantes documentos da sua arte substanciosa e empolgante.

As complicações e as tarefas rudes da sua vida publica nunca obstaram os surtos da sua mentalidade superior de homem de letras. Recordo-me que tivemos occasião de publicar na «Gazeta», com permissão de Martins Junior, uns versos que revelam as suas qualidades de poeta inspirado.

São duas traducções, em metro diverso, de uma mesma poesia — *L'amour découvert* —

(chanson grecque), destinadas a um concurso entre litteratos do Rio

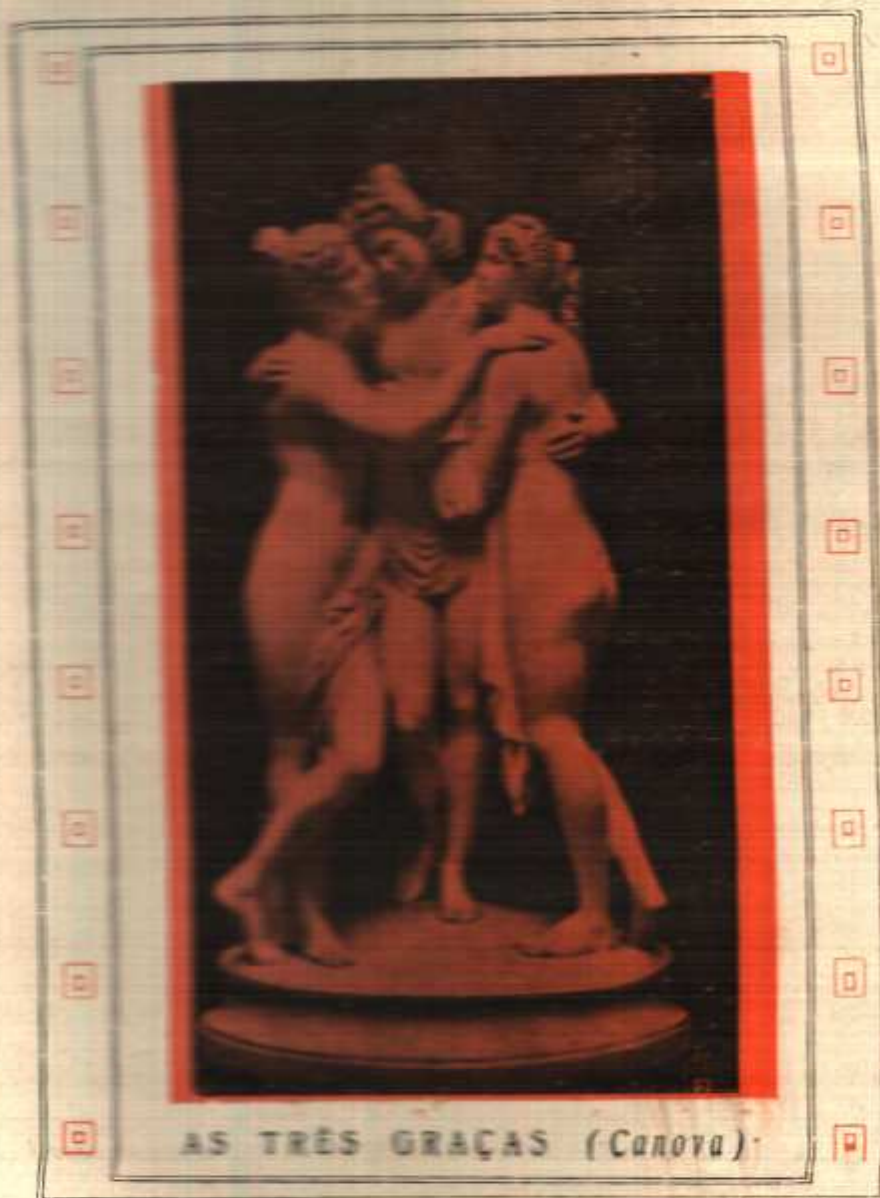
Não tendo sido levado a effeito esse concurso, quizemos divulgar immediatamente aquelles lindos versos de Martins Junior, que nos concedia o prazer de que a *Gazeta* fôsse o primeiro jornal do paiz a estampar a traducção da canção grega, os quaes agora aqui trasladamos para avaliação do merito do inolvidavel missionario da poesia scientifica no Brasil.

Em as duas traducções de Martins, em companhia dos versos francezes para que fôra passada a canção:

L'AMOUR DECOUVERT

(Chanson grecque)

O! Jeanne fille, quand nous nous sommes embrassés, il était nuit;



La nuit nous a vus, et l'aurore, l'étoile et la lune.
L'étoile s'est abaissée et l'a dit à la mer.
La mer l'a dit à la rame; la rame au matelot.

1.ª TRADUÇÃO

Quando enlaçamo-nos um ao outro
Fazia noite.
Quem a dizer que viu-nos presos
Ha que se aloite?

Mas é que á noite, que vê no escuro
Nossa alma nua,
Juntou-se a aurora, mais a retina
Branca da lua.

E certa estrella que amava o oceano
Viu-nos também.
Ora u'a amante não faz mysterios
Para o seu bem

Baixando ao mar narrou-lhe todo
Nosso segredo,
E o mar, ao choque de um duro remo,
Falou, por medo.

O remo então contou a historia
A um marinheiro
Que pô-a em versos e foi cantal-a
P'ra sua amante.

2.ª TRADUÇÃO

Quando criança nós nos abraçamos
Era de noite... Quem nos ponde ver?
Viu-nos, comtudo, a noite que buscamos,
A aurora, a lua e a estrella resicler.

Baixando ao mar, disse-lhe a estrella tudo.
O mar contou a um remo, este a um remeiro
Nossa ventura... E eis que o remeiro rudo
Da noiva á porta entoou-l' prasenteiro

Mezes depois surgiam outros poetas, dando novas traduções á *canção grega*.
Na mesma «Gazeta da Tarde», o poeta pernambucano Paulo de Arruda publicava a seguinte:

O AMOR DESCOBERTO

(Tradução)

Quando em meus braços eu cingi-te, filha,
Por sobre nós a noite se estendia.
Quem poderá dizer que então nos via,
Se tínhamos a treva por mantilha?

Mas a noite nos viu, viu-nos a lua
Que do alto céu clareava a noite escura;
E uma estrella também, brilhante e nua,
E ainda mais uma aurora, alegre e pura.

Do amor buscando o leito onde descança.
Contar-lhe a estrella foi nosso segredo,
E o bravo mar, o mar que não tem medo
Logo a um remo o passou sem mais tardança.

Por sua vez o remo que discreto
Não quiz mostrar-se, disse-o a um marinheiro;
E tudo o que julgavamos secreto
Hoje, talvez que o saiba o mundo inteiro!

Nos entretenimentos litterarios das sessões dominicaes da «Gonçalves Dias» — o gremio dos es-

AFFECTO
DE
CREANÇAS

F.
Brahmsstedt:
Kinder-
brunnen

tudantes daquela época, dois poetas lêram as suas traduções da referida peça poetica. Sentimos não possuir os versos dos mallogrados companheiros Aristheu de Andrade e Olympio Galvão, para que ornassem também esta pagina do passado em que procuro reviver as letras aureas de Martins Junior.

Mas, para encerrar a recordação do successo desse «Amor Descoberto», queremos ainda trasladar alheios versos, que appareceram no Rio, da lavra de Mucio Teixeira — sob o titulo *Ballada*, e que constituem uma outra tradução da citada canção grega:

Era noite escura, escura,
Quando beije-i-te a tremêr;
Ninguém nos viu... a não ser
A estrella limpida e pura.

Porém a estrella baixou
Até ás ondas do mar,
Talvez para lhes contar
Que o meu labio te beijou.

O mar contou isso ao remo,
Disse o remo ao pescador...
Ai! meu segredo d'amôr,
Eis a razão porque tremo!

O pescador por brinquedo
Disse á esposa... O que ha de ser
De mim, quando uma mulher
Já sabe do meu segredo?

E com os versos de Mucio terminamos a nossa escavação na terra gloriosa dos poetas brasileiros, cuja fama e encanto enche a nossa lembrança nas horas de quietude e saudade



O SR. COELHO DA COSTA

E A INDOLE GAÚCHA

DO SEU VERSO

O O O

O O

O

A
qual-
te anti-
ente dos
Pampas, onde
o ar que se re-
pira e se vive faz
de todos os partes um
e um das emoções, na-
a troça das passadas — ex-
treme a Civilização anti-por-
tuga dos seus dias descestita o
Gaúcho de sua indumentaria típica e
de hoje arrastado a guilhera das mãos e
a pitoresca beliciedade tradicional já não
caracteriza a vida despojetizada e poética das
«stancias» e a natureza já se alinha em linha
pela planície interior; — a legendaria indole do Gaú-
cho primitivo da fronte ao submundo espiritual e vigor
dos sentimentos da Raça, que se levanta do leito alva
e varonil dos seus paizis.

E', pois, do Rio Grande do Sul, — esse Estado que tanto
orgulha a Nação pela altivez bravo dos seus valles — homem
de guerra, homem de lei, de uma paixão ferrea pela liberdade,
é desse meio, influenciado por sua longa existência, o poeta
illustre que eu tenho a honra e a satisfação de apresentar à
Parahyba.

O sr. Coelho da Costa, da Academia de Lettres do Rio
Grande do Sul, autor de *Aspirações*, poesia; de *Flôres*, per-
mêto; *No Templo*, poesia; *No Alvor do Dia*, poesia; *Do
Som, da Cor e da Perfume*, poesia; *Crônicas*, etc. etc. etc., um
nome que eu nunca ouvia!... Flôres são os seus *Algaris*
do Rio, que, já na estirpe, se inspiram a fôra do Rio, ao
nosso despojetado conhecimento, já me veio, de certo, familiar
o verso do sr. Coelho da Costa... Mas sobre a literatura dos
Estados ha de sempre pairar a lenda da lendação, isto é,
de restricção á publicidade regional e menor das suas obras e
dos seus homens de letras...

Hontem, porém, trouxe-me o correio dois livros do poeta
gaúcho: Um em prosa, *Velho Flôres*, romance; e outro, verso:
ASCENSÕES E DECLINIOS.

No momento de abrir-lhes as paginas ainda pregadas às
outras, — folheei este com a quasi indifferença que me inspira
hoje em dia, o verso parnasiano, principalmente verso. Verso as-
tipathica e vulgar do soneto, tão pretencioso e commedido como
o senso commum... Foi, portanto, com um surprehendido en-
cantamento que li e reli os sonetos do sr. Coelho da Costa. Uma
sensação de fôrça e de virilidade, de uma autoridade por senti-

mentos serenamente, voluptuosamente lyricos — o entusiasmo
épico e a saudade, evocações guerreiras do Pampa, anseios rubros
de gloria e dôces queixumes de amor brasileiro — toda essa
amalgama esthetica nos prende, como uma catia ou como uma
harmonia, em todas as paginas de *Ascensões e Declínios*.

No primeiro soneto — o «Portico» do livro — explica o
poeta porque o intitulou com *Ascensões e Declínios*:

A Gloria está no cimo da montanha eterna.

Andando em fé, quer attingil-a o Artista. E inicia a as-
cenção, elle — o *touriste* da immortalidade:

«Ora o passo triumphal sobe a montanha
E exulta e em tórno, de alegria estranha,
Vibram mil sons clarineos!
Ora desce... Ora marcha em passo lento...
E soffre... E ha gestos vãos de desalento...
Ascensões e declínios!»

Onde, porém, o sr. Coelho da Costa se apresenta como
um poeta da Raça é ao referir-se ao Gaúcho.

Todos nós sabemos que o Gaúcho é hoje apenas uma re-
miniscença; recordação bem mais profunda que a que nos ins-
piram as grandes raças aborigenes das nossas florestas, porque o

Gaúcho não desapareceu: despojetizou-se, desvestiu-se de sua
indole e dos encantos da lenda, perdeu até a sua indole de
imponer e alçou-se na grande vulgaridade da Civilização.

A propósito sugere-me o que ha pouco, no *El Suplemento*
de Buenos Aires, disse o sr. Carlos Ocampo referindo-se aos
«poetas» platinos — cujo destino historico e legendario é o mesmo
dos «poetas» rio-grandenses do sul:

«El gaúcho: ¿no queda de él nada más que un símbolo

Ya no existe en la pampa ni en parte alguna. Es, ahora
simplemente, el hombre de campo cuya baquia le hace apto para
fumar, mamar y bolcar animales. De su figura legendaria, nada
queda. ¿Ni su misma indumentaria! Todo ha sido desnaturali-
zado, asesinado por el progreso, que no ha dejado rincón del
mundo sin explorar, ufano de su triunfo. Ha llegado hasta
nuestra pampa lejana; se ha venido cabalgando en navios des
de puntos remotos de la tierra para imponer usos y cos-
tumbres, ajenos a nuestro ambiente. El gaúcho se ha
resignado, como el potro indómito, que luego de
mucho bular y pegar brincos, responde al os tale-
reros y les espuelas del jinete, manso, dócil,
listo para sacarlo al varal del charret.»

Pois é em tórno dessas
minas romanticas da Tradição
que se elevam, como o epíe-
dio de uma raça, os três
sonetos que se seguem,
de Coelho da Cos-
ta, onde ao esmé-
ro da fôrma se
alía um alto
pensamen-
to de
poe-
ta:



O GAÚCHO

Não conhecia o medo... Era-lhe a audácia filha
Do amor à liberdade e ao seu corcêl folheiro;
Fez o Decennio heroico, á lide farroupilha
Dando o herculeo vigor do seu braço guerreiro.
No verão — em que o sol arde como um brazeiro —
Ou no Inverno — em que a neve a terra e os céus polvilha —
Poncho, como um pendão, sôlto á brisa e ao pampeiro,
Era o dominador do pampa e da coxilha.
Eil-o: O centauro ideal, hoje quasi esquecido...
Passeia o olhar em tórno e em tórno o olhar agudo
Vê que a terra não é mais o que tinha sido...
Cortam obstaculos mil a vasta glêba escampa
D'out'ora... E' estranho tudo... E elle, encarando tudo,
Scisma, fixando o olhar desolado no pampa...

11

Scisma... E á mente lhe vêm scenas d'antanho, scenas
Que jamais esquecerá e que evocando agora
Avultam de belleza e de magia plenas,
Como o fulvo esplendôr de uma estival aurora.
Scisma... E recorda o pampa infinito de out'ora...
As savanas sem fim... As coxilhas serenas...
Os valles ermos... Longe, ao pé de um rancho, Flora,
A dos olhos azues, e das faces morenas...
Scisma... E vê-se a si mesmo, êbrio de um grande orgulho,
— Lenço rubro ao pescôço, amplas bombachas claras —
Do passado emergir de entre o sagrado entulho...
Scisma... E olvidado assim, nestas scismas sepulto,
De quanto em tórno existe, entre as loiras searas,
Vae, altivo, passeando o seu hectoreo vulto.

111

E' quasi espectro, emfim, desthronado, erradio
No pampa, o antigo herôe da coxilha e do pampa.
Nã dolencia do olhar, nostalgico e sombrio,
Da tapêra a tristeza indizível se eslampa...
Incomprehendido e exil, perambula, arredio
Das pompas cidadãs, pela planura escampa;
E verão seja ou inverno, haja calôr ou frio,
Faz do arreio o seu leilo e sob os céos acampa.
Vêm-no, ás vezes, corcêl como out'ora á carreira,
Firme atirar o laço e o laço, á mão certa,na,
Atirado, ir de um louro ennovelar-se á guampa.
E intemorato ainda e leal ainda e audace
Sempre, tostado ao sol, tostado ao vento a face,
Vive, ancestral, mantendo as tradições do pampa.

E' o Gaúcho que fala! E' o Poeta que entôa para a
Posteridade o hymno evocativo da bravura ancestral.

O volume de poesias do sr. Ccêlho da Costa é desses que
já demonstram o artista na plena idade viril do seu pensamento,
com toda a responsabilidade esthetica de sua arte.

Se fôssemos classificar as indoles literarias, que se nos re-
velam com uma tão interessante clareza psychologica no estylo
dos grandes poetas, descobririamos logo no sr. Ccêlho da Costa
essa indole máscula — talvez uma influencia dos Pampas — que
se retrata na expressão vigorosa do seu verso.

Se fôssemos determinar o seu genero, por sua pujança de
estyllo e audacia verbal escolher-lhe íamos o épico, sem que essa
escolha vá presuppôr incapacidade do poeta para o genero lyrico
de que ha exemplos tão perfeitos em *Ascensões e Declínios*.

Ao sr. Ccêlho da Costa, que do seu Estado longinquo me
manda, com palavras de amigo, um tão illustre documento de
sua arte, eu, — o seu mais obscuro irmão parahybano — trans-
mitto-lhe, nesta chronica, os obrigados de meu agradecimento e
estes claros protestos de minha sympathia literario.



ENLACE

MOREIRA

GUIMARÃES

Com a premiada senhorita Jalva Moreira, elemento de destaque
em a nossa sociedade, acaba de consorciar-se o sr. Genuino Guima-
rães, funcionario do Serviço de Saneamento da Parahyba.



Os actos matrimoniaes, que se realizaram ha pouco nesta capital,
foram assistidos por grande numero de amigos das famílias Moreira
e Guimarães. Aos jovens nubentes, embora tarde, ERA NOVA envia
muitos votos de felicidades.



PALAVRAS CRUZADAS

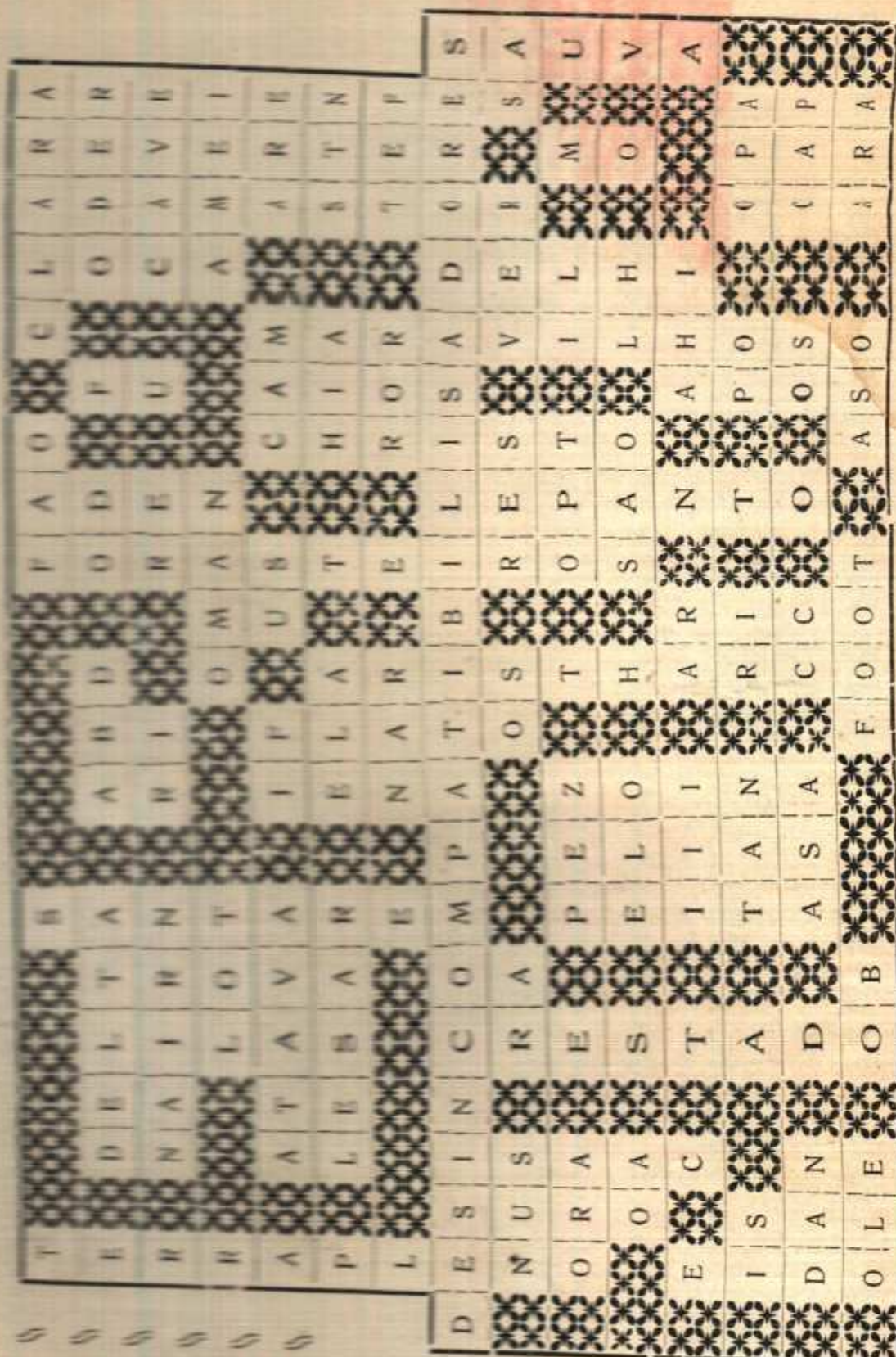
Continuamos a publicação dos resultados dos nossos concursos, que, dia a dia, tem crescido de interesse, dando as soluções que estamos recebendo.

Devido à interrupção temporária da publicação desta revista, não nos é possível dar hoje um novo problema. Fica assim adiada para o próximo número a publicação do problema n.º 6, que já está em preparo nas nossas oficinas.

Para o problema n.º 3 tivemos muitas soluções, na sua maioria certas. Alguns decifratórios fizeram acompanhar o resultado, de uma nota sobre o nome Aristarco, de que ficamos satisfeitos e tomamos em consideração.

Pelo mesmo processo dos anteriores, fomos correr, de acordo com o final da loteria federal do dia 7 do corrente, o sorteio do prêmio de uma assinatura anual da revista, que caberá desta vez ao sr. Austro Andrade, residente nesta capital, à rua Duque de Caxias, 551, a quem, de hoje em diante, remetteremos gratuitamente a nossa revista, dentro do prazo estipulado.

Ainda receberemos até o dia 15 da corrente as soluções dos problemas já publicados.



1925 - 1926

A Era Nova recebeu, cumprimentos de boas festas e anno novo, e retrahde, as seguintes pessoas:

Do exmo. sr. dr. João Sussena, d. e Presidente do Estado; Directora e alumnas da Escola Rachel Figner, de Natal; Sociedade União Beneficente de Operarios e Trabalhadores; Clodomiro Leal; Estanislau Pimentel, sargento instructor do 22.º Bata-

hão de Capangas; Primeira Igreja Baptista da Parahyba; Desembargador Vasco de Toledo; Murillo Blumque; Gadelha de Oliveira, de Cabedello; Tenente Antonio Pereira Lima e familia; Religiosos da Fm. de Ca-

nos da Parahyba; C. Menezes & Filhos proprietarios do «Moinho Parahyba»; Basilio de Mello e familia; Silva Ramos & Cia., Parahyba; M. C. Gasmão, proprietario da Fabrica de Cortumes S. Francisco; Comandante Geral e os officiaes da Força Publica do Estado; Murillo Lemos & Cia. Parahyba; Malaquias Gomes Barbosa e familia, de S. José de Piranhas, e Manuel Oliveira.

CINEMA TOGRAPHIA

Nos cinemas **Rio Branco**, **Felippa**, **São João e Popular**, cujos salões têm sido diariamente cheios pelos óptimos films que vem apresentando aos seus inúmeros e selectos habitués, a esforçada **Empresa Cinematographica Parahybana de Einar Svendesen & Cia.**, está focada, brevemente, mais esta super-produção, cujo enredo abaixo transcrevemos para apreciação devida dos leitores desta secção:

A trilha do destino

(Lorraine of The Lions)

Film da Universal, produzido em 1925.

DISTRIBUIÇÃO:

Don Mackay..... NORMAN KERRY
Lorraine..... Patsy Ruth Miller
Bimi..... Fred Humes
John..... Joseph J. Dowling
Hartley..... Philo McCullough
Chester..... Harry Todd

John Livingston, dono de um circo de cavallinho, depois de uma ausencia de dez annos, dos Estados-Unidos, volta a São Francisco da California, sua terra natal, a bordo de um navio,



Interpreta principal nesta película o um dos maiores actores do "firmamento" americano.

acompanhado de sua mulher, filha e da famosa *menagerie*, que elle andará exhibindo por terras longinhas. O destino, porém, marcará o fim da sua carreira neste valle de lagrimas, e, apanhado por tremendo cyclone, o navio vai ao fundo levando consigo todos os bens e vidas que elle conduzia. Da terrivel catastrophe, entretanto, escaparam a rapariguinha, Lorraine; uma jaula de leões, um elephante e Bimi, o terrivel gorilla que, feroz e temido de todos, fôa sempre uma especie de cão submisso e fiel para Lorraine. Atirada áquella praia deserta Lorraine, qual novo Robison Crusoe, foi pouco a pouco conquistando com a propria experiencia a sciencia da vida no seio da natureza primitiva, e sob a protecção do seu gorilla viveu e cresceu

LAURA LA PLANTE
costa e t. mhem
a sua bella
cabellier., estio
vendô ?
Quando trahz iht.
va com



William Bea-
mond em film
seriado,
usava uns
cachos
encantadores,
lembra-se ?

na jungle, perdendo a memoria da civilização. Ezra Livingston, o velho pai do John, conseguira ajuntar uma fortuna de muitos milhões, fizera sua herdeira a preta netinha, que elle nunca vira, mas que certamente, não tardaria a beijar, pois sabia do breve regresso do filho com a familia. Quando lhe chegou a noticia do desastre, Ezra ficou atordoado; mas isso foi só no primeiro instante, porque espirito forte e optimista, não tardou a forrar-se de confiança, intimamente convencido de que a netinha não perecera no naufragio, salvara-se e vivia em qualquer parte, fosse onde fosse. Quem não tinha tanta esperanza e não comprehendia o optimismo do velho, era o seu sobrinho, Thomas Hartley, unico herdeiro dos milhões de Livingston, no caso da morte da menina. Ah! momentos de desespero de Hartley, ante a irreductivel teimosia do velho, que não havia forças humanas capazes de demover da sua absurda esperanza. Don Mackay, um subdito de Sua Magestade o Rei da Inglaterra, que, como muitos dos seus patricios, partira um dia para a India em busca da fortuna, não encontrara os brilhantes de Gão Mogol, mas trouxera a alma enriquecida pelas crencas daquella terra fantastica. O seu temperamento de mystico desviara-o do caminho da fortuna, e não é senão um triste corpo depauperado pela fome e pelas mais duras privações, aquelle que o auto de Livingston atropela nas ruas de São Francisco e atrai á distancia. A coisa não passou de algumas echymoses, dolorosas, é verdade, mas perfeitamente recompensadas pelo conforto que agora o cerca ali na luxuosa vivenda de Livingston, que se apossara em apanha-lo, metel-o no seu carro e transporta-o para a sua propria casa. Livingston exultou com o imprevisto, que lhe puzera dentro da sua propria casa creatura tão preciosa. Oh! elle já corra todos os es-

peritas e occultistas, mas nunca obtivera senão informações vagas, embora algumas fossem animadoras, eram, contudo demasiado imprecisas para quem, como ele, tinha a ansia da certeza. Macky vinha-se assaltado, implorado, mas excusou-se. Não sae ler na bola de crystal, não conhece as praticas do occultismo, confessa candidamente elle, mas Livingston não leva a sério a recusa e insiste. Hartley percebe, então, que a oportunidade é excellente para dar um golpe decisivo nas esperanças do tio, e consegue insinuar ao inglez o embuste: sim, é uma mania como outra qualquer, e elle prestaria ao seu bemfeitor um serviço, fingindo que sabia consultar e esphera de crystal e que, effectivamente, esta lhe dizia que a joven Lorraine ha muito já não existia. Macky presta-se á farça insinuada pelo joven, mas quando fixa os seus olhos na esphera do resplandecente mineral, clara e distinctamente, uma joven rapariga num ilha dos mares tropicaes. O velho Livingston derrama lagrimas de emoção e supplica a Macky exactidões sobre a ilha, onde se achava ella mais ou menos, qual o caminho para chegar ali lá. E como a extranha videncia do homem lhe fornecesse as indicações desejadas, Livingston faz apparellhar immediatamente o seu yacht e parte em busca da ilha desconhecida, onde sua neta vivia. Depois de muito cruzar na immensidade dos mares desertos, elles encontram, finalmente, Lorraine. A rapariga perdera toda a noção dos seus semelhantes e foge espavorida e hostil; Macky, porém, com muita habilidade consegue attrahir o animal bravo. Hartley, que fazia parte da expedição, comprehende que o unico meio de não perder os milhões do tio está no seu casamento com a rapariga. Não importa que ella seja selvagem; a sua volta á civilização não tardará a fazer della uma mulher apetejada. Mas o gorilla

vêla por aquella creatura de quem elle é escravo, mas que é sua; e Hartley que, em certo momento, com os instintos incendiados pelo alcool pretende demonstrar o seu amor á maneira da jungle, paga a sua imprudencia com a vida, estrangulado nas garas temiveis do gorilla. Lorraine diz, quando lhe perguntam sobre a morte do rapaz, que o autor da catastrophe era o leão, pois de nenhum modo ella se conformaria com o separar-se do seu companheiro e defensor. Assim, quando ella embarca de volta á civilização, tem a alegria de trazer consigo o gorilla. Os dias passam, e Lorraine se reintegra completamente nos habitos da gente civilizada. Agora, é uma esplendida rapariga e uma netinha adorada pelo seu avô. Livingston não tinha outro pensamento senão a felicidade da linda creatura, e a sua vivenda tornou-se um centro social dos mais brilhantes daquella sociedade. Uma noite, os salões se enchiam de convivas para um grande jantar. De repente, o gorilla, enfurecido pelo ciúme, entra num verdadeiro accesso de raiva a quebrar moveis, a despeçar cortinas e tudo que lhe cae sob as mãos negras e cabeludas. A debandada é geral entre os convivas, procurando cada



RICHARD DIX, applaudido actor da Paramount - Pictures. É um magnifico jogador de "box" e um dos mais perfectos atletas yankees.

qual pôr-se a salvo do furor do demonio das selvas. Foi um custo terrivel para dominar o animal; porém elle acabou obedecendo á autoridade de Lorraine e foi mettido numa jaula reforçada. Nesse entrementes desabava tremenda tempestade acompanhada de trovões e relampagos, e o macaco, amedrontado, atira-se com tal ansiedade aos

Quatorze in-
telligentes e be-
las «estrelas»
da victoriana fa-
brica cinematog-
raphica «Para-
mount Pictures».

Da esquerda
para a direita,
em cima: Do-
rothy Lestron,
Clara Morris,
Olnir, Sally



Rand, Cecilia
Evans, Eugenia
Gilber e Joce-
ly Lee.
Na linha in-
ferior: Thais
Valdemar, Ma-
jel Coleman,
Christina Moore,
Lung, Viola D.
Avril, Etti Lee
e Adalyn Mayer.

N O T A S

varões da jaia que os parte ao
meio e põe-se em liberdade. Lar-
raïne está dançando numa sala
são com Mackay, e o garço
ao penetrar na sala, arrasta-a
braços do homem e logo, cor-
rendo-a consigo. E depois de
assombrar e a temer pela vida
da moça, todos assistem ao es-
traordinário espectáculo do ho-
me a subir pelo tronco de uma
arvore, attingir as ramadas al-
tissimas e dali, sempre suspenso
a sua presa, saltar para o telha-
do da casa. Cada uma dessas
acrobacias produz calidosos nos
espectadores. Afinal, o garço,
perseguido e tendo detido a
moça, agarra-se a um cabo el-
ectrico de alta tensão e é eletro-
cutado.

Tudo voltos é calma. Larraïne
chorou a morte do seu garço,
mas consolou-se. Nos dias que
se seguiram, Mackay, que to-
mava a si a redacção da pressa,
tendo concluido a sua tarefa de
ensinar a falar e a viver na
sociedade, communicou-lhe que
vaz deixal-a e partir. Larraïne,
que aprendera tambem muitas
coisas, dessas que não se en-
sinam, diz que vaz com elle. E
Mackay abraça contentissimo a
proposita.



HERBERT BLANCHE, um dos di-
rectores de films da UNIVERSAL Pi-
ctures Corporation. E' um dos mais
notaveis e de mais prestigio. Dirigiu,
com grande acerto, POBRES e RICOS
e logo depois, A ORGIA.

«Edward» teve um papel
em «Killing Time», da Fox.
Caracteres: Anna Roberts,
Kathleen Hamilton, Chester Co-
lton, Warner Oland, Paul Leigh
e Emily Henry.

«The Bandit» protagonis-
ta de Cecil K. De Mille, que está li-
vrando-se a director de «The
Great Escape» (Lionel Barry-
more, Sally Rand, Arthur
Hadden), no principal papel,
Rita La Roche. Estes films
vão ao Brazil?

«The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash
e «The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash.

«The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash.

«The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash.

Lionel Barrymore, Anna Nils-
son e Robert Frazer, são os prin-
cipaes em «The Splendid Road»,
da First National.

ATTENÇÃO: — Por absoluta
falta de espaço neste numero, só
nos seguiremos de acordo a lista dos
films que serão ou estão sendo
exibidos em os nossos cinemas.

o progresso cinematographico no Brazil

De acordo «The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash.

«The Picture» está a ser li-
vrado por George Vash.

A F A M A R A

Cabellos

Um banho de sapo cura
200 milhas de dor

A «Loção Brilhante» é o melhor especifico
para as afecções capilares. Não mancha a pelle e
não é irritante. E' uma formula scientifica do grande
laboratorio de Gossard, cujo segredo foi comprado
por 200 milhas de ouro.

E' recomendada pelos principais institutos
sanitarios de estrangeiros, e analysada e authorizada
pelos departamentos de Hygiene do Brazil.

Com a sua regalia da «Loção Brilhante»:

1.º — Desempenha a coroa. — 2.º — Cressa a
qualidade do cabelo. — Os cabelos tornam-se densos,
e a cabeça ganha

vitalidade, tornando-se sedosos.
A «Loção Brilhante» é vendida pela alta socie-
dade de S. Paulo e Rio.
Encontra-se nas boas perfumarias.

que temos esta industria, pro-
priamente faremos a nossa me-
lhor reclamação! Por isso já que o
governo não olha este problema
maximo, vamos ajudando a es-
tes verdadeiros heróes que aqui
e ali estão tentando o cinema e
vencendo, embora lentamente.
Lectores, vão ver os films bras-
ileiros, frequentem o cinema que
os tiver exhibindo! Sendo os
nossos films ainda conhecidos
com ruins, alguns leitores hão
de dizer com os seus botões:

«Ora, então, eu sou obrigado a
ver films que não prestam?»

A nossa resposta será que to-
dos já têm pago por films peo-
res, e isto quem ousará negar?

O governo, repetimos, devia
lançar as suas vistas para o
nosso cinema. Já não é neces-
sario dinheiro. Pequenas regalias
e vantagens, de que tanto temos
falado, bastariam.....

Queram ou não queiram, está
havendo progresso na nossa in-
dustria cinematographica. Já há
films que vão para o estrangeiro.
A esposa do solteiro, por exem-
plo, feito á custa exclusiva da
Benedetti, do Rio, que já tem
três cópias na Argentina e uma
na Italia.»



Um dos mais conhecidos actores do
publico parahybano! Na scena elle foi
FRANCO em «SENTENCIADO N.
648», da UNIVERSAL.

NOVISSIMAS 59 a 72

2-1 Quem nos livra do mal é Deus.

Barão de S. Paulo (Capital)

Ao illustre collega Indio do Norte:

2-1 Foi engano do Everaldo; o dinheiro estava occulto.

Conde de La Fere (Patos)

3-1 Nem toda embarcação tem base para navegar em rio pequeno.

C. Leal (Alagôa Nova)

1-1-2 O homem que tem intelligencia é, realmente, um ser notavel.

Zé da Velha (Capital)

2-2 Regra é rôl, sr. professor?

2-1 Hoje faz um anno que vivo afastado do vôvô, doente e edo-o.

Zé Doca (Alagôa Nova)

1-1 Quem vive do trabalho honrado e não é porco, ha de angariar amizade.

1-1 Avistei um vulto.

Arramas (Campina Grande)

Ao meu parente Calunginha:

2-1 Deixe de alegria e suspenda a risada.

1-2 Todo homem da antiga cidade assemelha-se ao semideus com corpo de homem e pés de bode.

Poty (Capital)

1-2 A criminosa valeu-se da deusa e do govêrno.

2-1 Quando a casa do parafuso tem emenda é uma obra mal feita.

Calungão (Capital)

1-2 O aspecto do Deodato é de homem prudente.

1-4 A memoria é a norma da correcção.

Calunginha (Capital)

CASAES 73 a 76

2-O que alimenta paixões (E' coisa bem singular!) Brota só dos corações Se engodo não encontrar.

Esio Frias (Campina Grande)

2-Com difficuldade compuz este trabalho

2-Discursio brilhante fez a mulher.

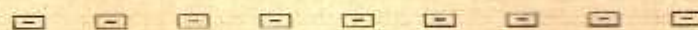
2-O animal tem fome.

Indio do Norte (Capital)



TORNEIO "NATAL"

OUTUBRO A DEZEMBRO — PREMIOS PARA 1.º 2.º E 3.º LOGARES



ANTIGA 77

Para eu viver alegre neste mundo Não me bastava apenas ter dinheiro, -1 Sou pobre como Job e vagabundo, Porém a vida passo sobranceiro.

Desejo, sim, ser bom e sem defeito 3 E que do ceu me chegue um bom presente; Mas, sei que para andar todo ao meu jeito Não sou merecedor, infelizmente.

Zé Cobrinha (Capital)

LOGOGRIPO 78

A Severino de Lucena:

Numa sala ouvi cantado 3, 15, 10 15, 6 Por mulher erga e andrajosa 1, 11, 5, 12, 9 Um plangentissimo fido, Uma canção dolorosa.

Assim dizia: Já vi Quadro bem triste na vida 3, 12, 13, 7, 15 Foi no dia em que senti A minha vista perdida.

E a pobresinha a girar 2, 4, 8, 15, 2 Pelas ruas da cidade 14, 15, 3, 12, 15 Ia sempre a implorar Do homem a caridade.

Calungão (Capital)

PITTORESCO 79



CAIXA DA SECÇÃO

Antonio Santos Cavalcanti (R. G. do Norte).

— Fizemos entrega da sua carta á gerencia, para quem o senhor se deveria dirigir.

Zé Doca (Alagôa Nova)—Inscripto. Mande mais trabalhos e listas de decifrações. Não se esqueça de indicar o dictionario onde se encontram os conceitos parciais e total das suas produções. E' regulamentar.

Dr. Ranzinza (Capital) — Seja muito bem apparecido e entre no... quebra-cabeça.

Odrande (Picuhy) — Nesta casa não se admite o anonymato. Se duvida, leia o nosso regulamento, que tem sido, allás, de uma benevolencia franciscana.

Agora não vá o amigo pensar que, pelo facto de ser de Picuhy, estamos a fazer-lhe pi... cuinhas.

Visconde de Bulpom (Pombal) — Você desenha bem; só lhe falta mesmo tinta e papel, o que é pena...

Sem nankin o amigo jamais poderá armar um pittoresco. Quanto ao resto da sua carta, dirija-se ao gerente, pois é quem resolve os assumptos daquelle natureza.

Pelops (Idem) Seu Pelops, pelo amor de Deus leia o que dissemos a Odrande um pouco acima. Aceitamos pseudonymo, mas não abrimos mão do verdadeiro nome para nossa orientação. Tanto os seus trabalhos como os delle ficam na pasta aguardando os nomes dos respectivos autores.

Conde de La Fere (Patos) — Das especies que remetteu, só adoptamos as novissimas; as outras voaram para a cesta.

Está inscripto.

Zé do Norte (Capital) — E' inutil mandar trabalhos e listas sob anonymato. Leia o que lhe dissemos em o n.º 90.

Barão de S. Paulo (Idem) — Fica inscripto e... premio haja sr. Barão.

Zé Cobrinha (Idem) — Não fique cobrinha comnosco; mas, não recebemos ainda a solução da casa 7 do n.º 88...

Severina Oliveira Ponteiro e Maria Pereira dos Santos (Pilar) — Entregamos, a quem de di-rei-os, as soluções das cartas enigmaticas.

Manuel Miranda (Idem)—Veja o que dissemos ás suas vizinhas do andar superior.

NOTA:

Encarecemos aos contrades que remettem listas de soluções, o obsequio de datal-as, assignal-as (com o nome ou pseudonymo), mencionando, tambem, o n.º da revista a que ellas se referem. Pedimos justificação aos que mandaram des-humano para a novissima 28, indeferido para a novissima 41 e ethrioscopio para o logogri-phi 34.

A cruz pendente do collar de um dos bustos do pittoresco hoje dado á estampa, não é estranha á urdidura do mesmo.

Fiquem, pois, avisados os se-nhores solucionistas.

INDICADOR DA ERA NOVA

MEDICOS

Dr. José Maciel — Consultório: Rua Maciel Pinheiro, 95. Telefone: Praça 187.

Dr. Manuel Florêncio — Consultório: Pharmacia Lúthica, Rua Maciel Pinheiro, 28.

Dr. Alceu Nazareno — Consultório: Praça General Falcão, 1.

Dr. Alfredo Wanders — Consultório: Avenida General Osório, 20.

Dr. Newton Lacerda — Consultório: Praça 187.

Dr. Seixas Maia — Consultório: Rua Barão do Triunfo, 20.

Dr. Oscar de Castro — Consultório: Pharmacia Lúthica e Assistência Pública Municipal.

Dr. Josa Magalhães — Especialista em doenças de olhos, garganta, nariz e ouvidos. Consultório: Rua Duque de Caxias, 94.

Dr. Jayme Lima — Médico-Pediatra — Avenida General Osório.

ADVOGADOS

Dr. Paulo de Magalhães — Rua 7 de Setembro, 193.

Dr. Antonio Bello — Praça Aristides Lobo, 84.

Dr. Adhemar Vidal — Rua 7 de Setembro, 438.

Dr. Agrippino Nóbrega — Rua Barão do Triunfo, 438.

Dr. José de Almeida — Rua Epitácio Paulo, 22.

Dr. Flodoaldo da Silveira — Rua Maciel Pinheiro, 45.

Dr. Renato Lima — Praça 187, 95.

Dr. Antonio Sá — Rua Carlos Veiga, 22.

Dr. João Dantas Milanes — Rua Duque de Caxias, 413.

Dr. Antonio dos Santos Coelho — Rua 13 de Maio, 81.

Dr. Irineu Joffily — Rua da Palmeira.

Dr. Otto Brito — Rua Duque de Caxias, 125.

Dr. Braz Baracuby — Rianências.

CIRURGIÕES-DENTISTAS

Maria de Queiroz — Rua 7 de Setembro, 193 — Tambiá.

Luiz Burlty — Rua Duque de Caxias, 165.

Janson Lima — Rua Barão da Passagem.

Nelson Carneira — Praça Aristides Lobo, 84.

Elvidio Ramalho — Rua Duque de Caxias, 504 1.º andar.

Alvaro Lemos — Rua Duque de Caxias, 482.

Francisco Ramalho — Rua General Osório.

TABELLIÃES

Dr. Manuel Moraes — Rua Maciel Pinheiro, 45.

Dr. João Camelo — Renda Estadual.

PAPELARIAS E TYPOGRAPHIAS

J. Coelho & Irmão — Objectos para escriptor
Rua Maciel Pinheiro, 218.

RELOJOARIAS

Relojoaria Bello — De R. Vicente Bello: Calos e Pincenez — Rua Maciel Pinheiro,

MERCEARIAS

Merccaria Maia — Casa especialista de generimentos e bebidas de todas as qualidades — Rua Maciel Pinheiro, 55.

FABRICA DE MOSAICOS

Standa à Praça 187 — De Walfredo Guedes reira Sobrinho.

PHARMACIAS

Santa Antonio — De Ovidio Lopes de Mendonça — Praça Pedro Americo, 53.

Brasil — De Londres & Cia. — Rua Maciel Pinheiro, 157.

CURSO DE DACTYLOGRAPHIA

Rua Sete de Setembro, 171 — Tambiá. Directora: Rosita de Almeida Brandão.

OURIVES-GRAVADOR

Florippes Carvalho — Rua Barão do Triunfo,

ARTIGOS DE MODAS

Especialidade em chapéus — P. Marinho — Rua Maciel Pinheiro, 205.

OFFICINA DE CLICHÉRIE

«Era Nova» — Serviços nitidos e garantidos de litogravura, Trichromia e Zincographia. Peregrino de Carvalho.